

SÊNECA

SOBRE A CONSTÂNCIA DO SÁBIO

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - LATIM



Montecristo
Editora

SÊNECA

SOBRE A CONSTÂNCIA DO SÁBIO

"O SUCESSO DE UM INSULTO RESIDE NA SENSIBILIDADE
E NA RAIVA DA VÍTIMA".

Tradução, introdução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



©2020 Copyright Montecristo Editora

SÊNECA

SOBRE A CONSTÂNCIA DO SÁBIO

Título Original

Ad Serenvm, de Constantia Sapientis

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Alexandre Pires Vieira

Original em inglês

[Internet Archive](#)

Imagen da Capa

Marcus Curius Dentatus, afresco na Sala dos Gigantes, Palácio Trinci

ISBN:

978-1-61965-179-1 – Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sêneca;

Sobre a Constância do Sábio; introdução, tradução e notas de *Alexandre Pires Vieira*
– Montecristo Editora, 2020. **Título Original:** Ad Serenvm, de Constantia Sapientis

ISBN: 978-1-61965-179-1

1. Filosofia antiga. 2. Sêneca 3. Estoicismo. 5. Ética 5. Moral I. Vieira, Alexandre Pires. II. Título

14-10335 CDD-188

INTRODUÇÃO

Sobre a Constância do Sábio é um ensaio moral escrito por Sêneca em forma de um diálogo. A obra celebra a serenidade do sábio estoico ideal que, com firmeza interior, é imune às injúrias e adversidades. É dirigido ao seu amigo Aneu Sereno e foi escrito entre os anos 47 e 62, sendo um dos três diálogos endereçados a Sereno, que também inclui “*Sobre a tranquilidade da alma*” e “*Sobre o ócio*”.

O ensaio apresenta a ideia do sábio estoico em termos claros e práticos: ele é um modelo a ser almejado, mas é uma figura plausível. De certa forma, o papel do sábio no estoicismo é semelhante ao de Jesus Cristo ou Buda: mostrar o caminho. Contudo Sêneca deixa claro que está falando de pessoas reais ao mencionar uma em particular, Marco Catão:

“*Não venha dizer, tal como é seu costume, que esse nosso sábio não existe em lugar algum. Não somos nós que projetamos essa fantasmagoria gloriosa do gênero humano, nem é ela mera idealização grandiosa de uma figura fictícia. Além do mais, esse mesmo Catão que motivou toda essa nossa explanação, receio que até supere o modelo em pauta.*” (VII, 1)

Sêneca começa o ensaio lembrando seu amigo que o progresso requer esforço, mas que, tornar-se um estoico, **não é tão difícil quanto muitos acreditam**. Diz que coisas difíceis parecem impossíveis ao olhos dos não iniciados, mas uma vez iniciada a jornada, descobre-se o caminho: “*muitas serras vistas de muito longe parecem íngremes e agrupadas, porque a distância engana nossa visão, e então, à medida que nos aproximamos, aquelas mesmas serras que nossos olhos equivocados haviam unido se desdobram gradualmente, aquelas partes que pareciam precipitadas de longe, assumem um contorno suavemente inclinado.*” (I, 2)

No capítulo V, é feita então a distinção entre *iniuria* (injúria) e *contumelia* (insulto), seguindo o ensaio com discussões sobre a natureza dos dois temas, mostrando que o sábio é imune tanto a insultos quanto a injúrias. Apesar das palavras soarem como sinônimos atualmente, Sêneca as usa de forma distinta

“deixe-nos distinguir injúria e insulto. O primeiro é naturalmente o mais doloroso, o segundo menos importante, e doloroso apenas para os de pele fina, pois enfurece os homens, mas não os fere...” (V,1)

Na sequência, Sêneca afirma que nem mesmo a Fortuna pode tirar-nos o que não nos deu, e que portanto, nada nos pode tirar a virtude, porque a virtude não nos é dada, é algo que vem de dentro. Sendo assim, nenhum dano real pode ser infligido ao homem sábio. O tema da Fortuna volta na seção VI, onde Sêneca diz: *“pode suportar as adversidades com calma e a prosperidade com moderação, não cedendo à primeira nem confiando na segunda, podendo permanecer o mesmo em meio a todas as variantes da Fortuna, e não pensando que nada seja seu, a não ser ele próprio”*. A frase é um bom resumo da atitude estoica para com os **“indiferentes”**, ou seja, coisas que estão fora de nosso controle.

Outra característica do sábio é que ele está livre do medo, pois o medo se origina na percepção de que a pessoa pode ser ferida, mas como já vimos, nada pode realmente ferir o sábio. Esse ponto é esclarecido adiante:

“Algumas outras coisas atingem o sábio, embora não abalem seus princípios, como a dor e a fraqueza corporal, a perda de amigos e filhos e a ruína de seu país em tempos de guerra.... Não negamos que é uma coisa desagradável ser espancado ou golpeado, ou perder um de nossos membros, mas dizemos que nenhuma dessas coisas são injúrias. Não lhes tiramos a sensação de dor, mas o nome de “injúria”, que não pode ser atribuído enquanto a nossa virtude estiver intacta. (X,4 e XVI,2)

Nos capítulos XI e XII Sêneca aprofunda o argumento de que o sábio não pode ser insultado. Ele nos lembra que crianças pequenas nos fazem todo tipo de coisas que não são agradáveis, e ainda assim não nos sentimos ofendidos pelo seu comportamento. De forma análoga, o sábio trata como crianças as pessoas que tentam feri-lo por insultos: devem ser ignoradas, ou corrigidas, se possível. Mais a frente, aprendemos que o sábio não tem prazer em ser admirado, seja por mendigos ou por milionários: *“Assim também não se admirará a si mesmo, ainda que muitos homens ricos o admirem; pois sabe que eles não diferem em nenhum aspecto dos mendigos – não, são ainda mais infelizes do que eles; pois os mendigos só querem um pouco, enquanto os ricos querem muito.”* (XIII, 3)

Mais uma passagem excepcional vem no capítulo XVI, quando Sêneca considera duas possíveis razões pelas quais algo de ruim nos acontece, e ensina como devemos responder de forma estoica: “*Será que estas coisas me acontecem merecidamente ou sem merecer? Se merecidamente, não é um insulto, mas uma sentença judicial; se imerecidamente, quem faz injustiça deve se envergonhar, não eu*”. (XVI, 3)

Segue-se com a sugestão de usar o humor autodepreciativo para lidar com insultos, porque é difícil rir de alguém que ri de si próprio antes. Além disso, porque essa é uma maneira muito eficaz de simplesmente estragar a diversão do seu oponente. Em linhas gerais, “*o sucesso de um insulto reside na sensibilidade e na raiva da vítima.*” (XVI, 4)

Tudo considerado, a imagem do sábio que emerge deste texto é, como prometido no início, a de alguém que pode, com esforço, ser copiado. A sabedoria não é inalcançável e lutar por ela é certamente o objetivo do estudante de estoicismo, ou seja, **todos nós que somos imperfeitos.**

Sobre o autor

Lúcio Aneu Sêneca, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual

enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)

- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (*Oedipus*)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)

Sobre a tradução

A tradução para o português foi baseada na versão em inglês de **Aubrey Stewart** publicada em 1889 por George Bell & Sons disponível no [Internet Archive](#). Ao texto de Stewart foram acrescentadas as notas de rodapé esclarecendo nomes e personagens citados por Sêneca bem como referências a livros de autores mencionados. A leitura das seguintes obras foi fundamental para a conclusão da tradução: 1. [Moral Letters to Lucilius by Seneca](#) por Richard Mott Gummere; 2. [Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome](#) por Brad Inwood; 3. [A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy](#) por William Braxton Irvine.

O texto em latim que consta deste volume é da [Universidade de Tufts](#) disponível na [Perseus Digital Library](#).

Algumas observações sobre a tradução são necessárias.

Aubrey Stewart traduz o latim “**contumélia**” para “*insult*” em inglês. Em traduções antigas para o português a palavra “**contumélia**” é usada. O termo caiu em desuso na linguagem contemporânea, sendo seu sinônimo mais comum insulto ou injúria¹. Nesta tradução foi usado insulto, seguindo a versão inglesa. Contudo isso pode causar confusão na compreensão, pois Sêneca usa as duas palavras de forma distinta (*iniuriam x contumelia*): “*deixe-nos distinguir injúria e insulto. O primeiro é naturalmente o mais doloroso, o segundo menos importante, e doloroso apenas para os de pele fina, pois enfurece os homens, mas não os fere...*” (V,1)

No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções em português geralmente usa-se a segunda pessoa (*tu*). Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa (*você*) me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo. Assim, toda a tradução foi feita em terceira pessoa.

O termo “**fortuna/fortunae**”, para o autor latino, se assemelha à nossa “sorte” ou “destino”, mas era também uma divindade. O nome comum e o nome

próprio são dificilmente distinguíveis no texto, portanto, usei sempre “*Fortuna*”. Nesta mesma linha, “*animi/animus*” foi traduzido para “*mind*”, mais próximo ao termo “mente”. Traduzi por “alma” ou “espírito” pois acredito estar mais próximo do significado desejado por Sêneca.

Quanto ao título, Sêneca usa “*De Constantia Sapientis*”. Na tradução de Stewart, a obra recebe o nome “*On the Firmness of the Wise Man*”. Algumas traduções em português são nomeadas “*Sobre a Firmeza do sábio*”.

Aproveitei o radical latino, mais fiel ao original: “Sobre constância do sábio”.

Que este livro o sirva como amigo, professor e companheiro.

Espero que gostem tanto quanto eu,

Alexandre Pires Vieira

Viena, primavera de 2020

Sobre Constância do Sábio

I.

1. Eu poderia realmente dizer, Sereno, que existe uma diferença tão grande entre os estoicos e as outras seitas de filósofos como existe entre homens e mulheres, pois cada classe contribui com uma parte igual para a sociedade humana, mas uma nasce para comandar, a outra para obedecer. Os outros filósofos nos tratam com gentileza e persuasão, como os nossos médicos de família costumam fazer com os nossos corpos, tratando-os não pelo melhor e mais curto método, mas por aquilo que lhes permitimos empregar; enquanto os estoicos adotam um curso viril, e não se importam em parecer atraentes para aqueles que estão ingressando nele, mas que ele leve-nos o mais rápido possível para aquela sublime eminência que está tão além do alcance de qualquer uma das armas que está além da própria Fortuna.

2. "Mas o caminho pelo qual somos chamados a subir é íngreme e desigual". O que então? As alturas podem ser alcançadas por um caminho plano? Mas eles não são tão íngremes e bruscos como alguns pensam. É apenas a primeira parte que tem rochas e penhascos e nenhuma passagem aparente, assim como muitas serras vistas de muito longe parecem íngremes e agrupadas, porque a distância engana nossa visão, e então, à medida que nos aproximamos, aquelas mesmas serras que nossos olhos equivocados haviam unido se desdobram gradualmente, aquelas partes que pareciam precipitadas de longe assumem um contorno suavemente inclinado.

3. Quando há pouco se falou de Marco Catão², você, cuja mente se revolta contra a injustiça, ficou indignado com a época de Catão, por tê-lo compreendido tão pouco, por tê-lo designado um lugar abaixo de Vatílio³ para aquele que se erguia acima de César e de Pompeu; Pareceu-lhe vergonhoso que, quando ele falou contra alguma lei no Fórum, sua toga tenha sido rasgada e que tenha sido empurrado pelas mãos de uma multidão

insultuosa da Rostra⁴ até o arco de Fábio, suportando os palavrões, os cuspidos e outros insultos⁵ da ralé insana.

II.

1. Eu então respondo que você tinha boas razões para estar ansioso em nome da coletividade, que Públia Clódio⁶ de um lado, Vatínio e todos os maiores malandros do outro, estavam colocando o estado à venda, e, levados pela sua cobiça cega, não entendiam que quando o vendiam eles mesmos eram vendidos com ele; Eu lhe peço que não tenha medo em nome do próprio Catão, porque o sábio não pode receber injúrias nem insultos, e é mais certo que os deuses imortais nos deram Catão como modelo de sábio do que deram Ulisses ou Hércules aos tempos primitivos; pois estes nossos estoicos declararam ser homens sábios, não vencidos pelo esforço, desprezadores do prazer, e superiores a todos os terrores.
2. Catão não matou animais selvagens, cuja perseguição cabe a caçadores e camponeses, nem exterminou criaturas fabulosas com fogo e espada, nem viveu em tempos em que era possível acreditar que os céus podiam ser sustentados sobre os ombros de um só homem. Numa época em que se despojou de sua crença em superstições antiquadas, e levou o conhecimento material ao seu ponto mais alto, ele teve de lutar contra aquele monstro de muitas cabeças, a ambição, contra aquele desejo ilimitado de poder que o mundo inteiro dividido entre três homens⁷ não podia satisfazer. Só ele resistiu aos vícios de um Estado desgastado, afundando-se na ruína por sua própria carga; ele sustentou a comunidade em decadência até onde podia ser sustentada pela mão de um homem, até que finalmente seu apoio foi retirado, e ele participou da queda que há tanto tempo havia evitado, e pereceu junto com aquilo do qual era impiedoso separá-lo - pois Catão não viveu após a morte da liberdade nem a liberdade após a morte de Catão.
3. Acha que o povo poderia fazer algum mal a tal homem quando lhe arrancaram o pretório ou a toga? Quando lhe besuntaram a cabeça sagrada com os escarros de suas bocas? O homem sábio está seguro, e nenhuma injúria ou insulto⁸ pode tocá-lo.

III.

1. Acho que vejo seu espírito excitado e fervente. Você se prepara para exclamar: "Estas são as coisas que tiram todo o peso de suas máximas; você promete grandes coisas, como eu nem deveria desejar, quanto mais acreditar ser possível, e então, depois de todas as suas palavras corajosas, embora você diga que o homem sábio não é pobre, você admite que ele muitas vezes está na carência de servos, abrigo e comida. Você diz que o sábio não é louco, mas admite que às vezes ele perde a razão, fala bobagens e é levado às ações mais selvagens pelo estresse de sua aflição.

2. Quando afirma que o sábio não pode ser um escravo, não nega que ele será vendido, cumprirá ordens e executará serviços menores por ordem do seu senhor; assim, por todos os seus ares de orgulho, você desce ao nível de todos os outros, e meramente chama as coisas por nomes diferentes.

Consequentemente, suspeito que algo desse tipo se esconde por trás dessa máxima, que à primeira vista parece tão bela e nobre, 'que o homem sábio não pode receber ferimentos nem insultos'. Faz muita diferença se você declara que o homem sábio está além de sentir rancor, ou além de receber ferimentos; pois se você diz que ele o suportará calmamente, ele não tem nenhum privilégio especial nisso, pois desenvolveu uma qualidade muito comum, e que é aprendida pela longa resistência do próprio erro, ou seja, a paciência. Se você declarar que ele nunca poderá receber uma lesão, isto é, que ninguém tentará fazer-lhe uma, então eu deixarei de lado todas as minhas ocupações na vida e me tornarei um estoico".

3. Não foi meu objetivo decorar o sábio com meras honras verbais imaginárias, mas elevá-lo a uma posição em que não será permitido que nenhuma lesão o alcance. "O quê? não haverá ninguém que o provoque, que tente prejudicá-lo?". Nada há na terra que seja tão sagrado a ponto de não ser passível de sacrilégio; no entanto, as coisas sagradas estão nas alturas, apesar disso, existem homens que atacam uma grandeza que está muito acima de si mesmos, embora sem esperança de alcançá-la. O invulnerável não é o que

nunca é atacado, mas o que nunca é lesado. Nesta lição vou mostrar-lhe o homem sábio.

4. Não podemos duvidar de que a força que nunca é vencida na luta é mais digna de confiança do que aquela que nunca é desafiada, visto que o poder não testado não é confiável, ao passo que aquela solidez que lança de volta todos os ataques é merecidamente considerada como a mais confiável de todas? Do mesmo modo, você pode saber que o sábio, se nenhuma injúria o prejudica, é de um tipo mais elevado do que se nenhuma lhe for oferecida, e eu deveria chamar um homem de corajoso que a guerra não domina e a violência do inimigo não assusta, não aquele que goza de luxuosa comodidade em meio a um povo desocupado.

5. Digo, pois, que um homem tão sábio é invulnerável contra todo dano; não importa, pois, quantos dardos lhe sejam atirados, pois não pode ser trespassado por nenhum deles. Assim como a dureza de algumas pedras é impermeável ao aço, e não pode ser cortada, quebrada ou moída, mas embota todos os instrumentos usados sobre ela; assim como algumas coisas não podem ser destruídas pelo fogo, mas quando circundadas pela chama ainda conservam sua dureza e forma; assim como alguns altos penhascos que se projetam quebram as ondas do mar, e embora chicoteados por elas ao longo de muitos séculos, ainda não mostram vestígios de sua fúria; assim também é a alma do sábio, firme, e reúne tanta força, que está tão a salvo de ferimentos como qualquer uma dessas coisas que mencionei.

IV.

1. "O que então? Não haverá ninguém que tentará lesionar o homem sábio?". Sim, alguém tentará, mas a lesão não o alcançará; pois ele está separado do contato de seus inferiores por uma distância tão grande que nenhum impulso maligno pode conservar seu poder de dano até que o atinja. Mesmo quando homens poderosos, elevados a posições de alta autoridade e firmes na obediência de seus subordinados, se esforçam por feri-lo, todos os seus dardos ficam tão aquém de sua sabedoria quanto os que são disparados para o alto por cordas de proa ou catapultas, os quais, embora subam tão alto a ponto de desaparecerem da vista, ainda assim voltam a cair sem alcançar o céu.

2. Por que, você supõe que, quando aquele rei estúpido⁹ turvou a luz do dia com a abundância de suas flechas, que alguma entre elas penetrou o sol? Ou que, ao lançar suas correntes para o fundo do mar, foi capaz de alcançar Netuno? Assim como as coisas sagradas escapam das mãos dos homens, e nenhum dano é feito à divindade por aqueles que destroem templos e derretem imagens, assim também quem tenta tratar o sábio com impertinência, insolência ou escárnio, o faz em vão.

3. "Seria melhor", diz você, "se ninguém o quisesse fazer". Você expressa o desejo de que toda a raça humana seja inofensiva, o que dificilmente pode acontecer; além disso, aqueles que ganhariam com tais erros não sendo feitos são aqueles que os praticariam, não aquele que não poderia sofrer com eles, mesmo que fossem feitos; não, não sei se a sabedoria não se mostra melhor pela serenidade em meio a contrariedades, como a maior prova da força de um general nas armas e nos homens consiste na sua tranquilidade e confiança na terra do inimigo.

V.

1. Se você acha que é apropriado, meu Sereno, deixe-nos distinguir injúria e insulto¹⁰. O primeiro é naturalmente o mais doloroso, o segundo menos importante, e doloroso apenas para os de pele fina, pois enfurece os homens, mas não os fere. Mas tal é a fraqueza da alma dos homens, que muitos pensam que não há nada mais amargo do que o insulto; assim você encontrará escravos que preferem ser açoitados a levar tapas, e que pensam em cicatrizes e morte mais suportáveis do que palavras insultuosas.

2. A tal passo de absurdo chegamos que sofremos não só de dor, mas da ideia de dor, como crianças, que são aterrorizadas pelas trevas, máscaras deformadas e rostos distorcidos, e cujas lágrimas escorrem ao ouvir nomes desagradáveis aos seus ouvidos, ao gesto de nossos dedos, e outras coisas das quais elas esquivam-se na ignorância com uma espécie de espasmo equivocado.

3. O propósito da lesão está em fazer o mal a alguém. Agora a sabedoria não deixa espaço para o mal; para ela, o único mal é a baixeza, que não pode entrar no lugar já ocupado pela virtude e pela honra. Se, portanto, não pode haver lesão sem mal, e nenhum mal sem baixeza, e a baixeza não pode encontrar lugar em um homem que já está cheio de honra, segue-se que nenhuma lesão pode atingir o sábio; pois, se a lesão é a resistência à algum mal, e o sábio não pode sofrer nenhum mal, segue-se que nenhuma lesão tem efeito sobre o sábio.

4. Toda lesão implica em diminuir o que ela afeta, e ninguém pode sofrer uma lesão sem perda da sua dignidade, ou de alguma parte do seu corpo, ou de algumas coisas exteriores a nós mesmos; mas o sábio nada pode perder. Ele investiu tudo em si mesmo, nada confiou à fortuna, tem seus bens em segurança e se contenta com a virtude, que não precisa de acessórios casuais e, portanto, não pode ser aumentada ou diminuída; pois a virtude, como tendo alcançado a posição mais elevada, não tem espaço para acréscimo a si mesma, e a fortuna nada pode lhe tirar, a não ser o que ela deu. Agora a

fortuna não dá a virtude; portanto, ela não a tira. A virtude é livre, inviolável, não se move, não se abala, e tão enrijecida contra os infortúnios que não pode ser dobrada, e muito menos vencida por eles. Ela olha inabalavelmente enquanto as torturas estão sendo preparadas para ela; ela não faz nenhuma mudança de semblante, seja a miséria ou o prazer que lhe sejam apresentados.

5. O sábio, portanto, nada pode perder de cuja perda será sentida, porque é dono apenas da virtude, a qual nunca lhe poderá ser tirada. Ele goza de todas as outras coisas ao bom prazer da fortuna; mas quem se entristece com a perda do que não é seu? Se a lesão não pode prejudicar nenhuma daquelas coisas que são propriedade peculiar do sábio, porque, estando a sua virtude a salvo, é impossível que se faça uma lesão a um sábio.

6. Demétrio, que se chamava Poliorcetes¹¹, tomou a cidade de Megara, e o filósofo Estilpo¹², quando perguntado se tinha perdido alguma coisa, respondeu: "*Não, eu carrego todos os meus pertences comigo*". Mas sua herança tinha sido entregue à pilhagem, suas filhas tinham sido ultrajadas pelo inimigo, seu país tinha caído sob domínio estrangeiro, e foi justamente o rei, entronizado no altar, cercado pelas lanças de suas tropas vitoriosas, que lhe fez essa pergunta; no entanto, ele tirou a vitória das mãos do rei, e provou que, embora a cidade tivesse sido tomada, ele próprio não só estava incólume, mas ileso, pois carregava consigo aqueles bens verdadeiros sobre os quais ninguém podia pôr as mãos.

7. O que foi saqueado e arrebatado para cá e para lá não considerava seu, mas meramente coisas que vêm e vão por capricho da fortuna; por isso não as tinha amado como suas, porque a posse de qualquer coisa exterior é escorregadia e insegura.

VI.

1. Considere agora, se qualquer ladrão, ou falso acusador, ou vizinho impetuoso, ou homem rico gozando do poder conferido por uma velhice sem filhos, poderia causar qualquer ferimento a este homem, do qual nem a guerra nem um inimigo cuja profissão era a nobre arte de derrubar muralhas de cidades poderia lhe privar de qualquer coisa.
2. Em meio ao fulgor das espadas de todos os lados, e ao motim do soldado saqueador, em meio às chamas e ao sangue e à ruína da cidade caída, em meio à ruína dos templos que caíam sobre seus deuses, um só homem estava em paz. Não é preciso, portanto, contar que um orgulhoso descuidado se vangloria, fato pelo qual eu lhe darei uma garantia, se minhas palavras forem em vão. De fato, dificilmente acreditaria em tanta constância ou em tanta magnitude de espírito¹³ pertencendo a qualquer homem;
3. Mas aqui se apresenta um homem para provar que não há motivo para duvidar que aquele que nasceu apenas como humano pode elevar-se acima das necessidades humanas, pode contemplar tranquilamente dores, perdas, doenças, lesões e grandes convulsões naturais rugindo ao seu redor, pode suportar as adversidades com calma e a prosperidade com moderação, não cedendo à primeira nem confiando na segunda, podendo permanecer o mesmo em meio a todas as variantes da Fortuna, e não pensando que nada seja seu, a não ser ele próprio, e também ele próprio apenas quanto à sua melhor parte.
4. "Eis", diz ele, "estou aqui para lhe provar que, embora debaixo da opressão daquele destruidor de tantas cidades, muros podem ser sacudidos pelo golpe do aríete, torres elevadas podem ser derrubadas subitamente por galerias e minas escondidas, e baluartes se erguem tão altos que rivalizam com a cidadela mais alta, mas que nenhum mecanismo de cerco pode ser descoberto que possa abalar uma mente bem estabelecida.
5. Eu acabo de pôr-me a salvo em meio à ruína de minha casa, fugindo do fogo que brota de todos os lados em cima de sangue. Eu ignoro o destino de

minhas filhas e também se tudo isso é pior do que se abateu sobre minha pátria. Sozinho e velho, vejo ao meu derredor como tudo ficou hostil. Isso, não obstante, asseguro que todo o meu patrimônio espiritual permanece íntegro e incólume.

6. Eu tenho, eu guardo tudo o que já tive. Não há razão para você supor que fui conquistado e que você é o meu conquistador. Foi a sua Fortuna que venceu a minha.

7. Quanto àqueles bens fugazes que mudam de dono, não sei onde estão; o que me pertence está comigo, e sempre estará. Vejo homens ricos que perderam suas propriedades; homens lascivos que perderam seus amores, as cortesãs a quem acalentavam à custa de muita vergonha; homens ambiciosos que perderam o senado, os tribunais, os lugares reservados para a exibição pública dos vícios dos homens; agiotas que perderam seus registros de contas, nos quais a avareza gozava em vão de uma riqueza ilusória; mas eu possuo tudo integralmente e sem lesão. Deixe-me, e vá perguntar àqueles que estão chorando e lamentando a perda de seu dinheiro, que estão oferecendo seus peitos nus para desembainhar espadas em sua defesa, ou que estão fugindo do inimigo com bolsos pesados".

8. Veja, pois, Sereno, que o homem perfeito, cheio de virtudes humanas e divinas, nada pode perder; seus bens estão rodeados de muros fortes e intransponíveis. Não se pode comparar com eles os muros da Babilônia, em que Alexandre entrou, nem as fortificações de Cartago e de Numância¹⁴, conquistadas por uma mesma mão¹⁵, nem o Capitólio e a cidadela de Roma, que estão manchados com insígnias dos vencedores; as muralhas que protegem o homem sábio estão a salvo do fogo e da invasão hostil; não permitem passagem; são elevadas, inexpugnáveis, divinas.

VII.

1. Não venha dizer, tal como é seu costume, que esse nosso sábio ¹⁶ não existe em lugar algum. Não somos nós que projetamos essa fantasmagoria gloriosa do gênero humano, nem é ela mera idealização grandiosa de uma figura fictícia. Tal como o descrevemos, nós o apresentamos como algo raro e único, no espaço de tantos séculos, já que coisa excepcionalmente grandiosa transcende o comum, o vulgar e o corriqueiro. Além do mais, esse mesmo Catão que motivou toda essa nossa explanação, receio que até supere o modelo em pauta.
2. Advém ainda que o agente de uma lesão deve ser mais forte que o lesado, porém a maldade não é mais valiosa do que a virtude. Eis a razão pela qual o sábio não é passível de receber ofensa. Injúria contra os bons só pode ser tentada por indivíduos maldosos. Entre os bons reina a paz, ao passo que os maus são perniciosos tanto contra os bons como para eles mesmos. Posto que só o mais fraco pode ser ferido e o mau é mais débil do que o bom, então o bom só pode temer injúria de alguém igual a ele. Daí se conclui: não pode a ofensa cair em cima de homem bom. Aliás, não preciso repetir que não existe indivíduo bom que não seja honesto.
3. "Se Sócrates", diria alguém, "foi condenado injustamente, então o sábio pode ser lesado". Aqui, devemos entender a possibilidade de alguém fazer-me uma injúria e eu não ser atingido pela mesma.
4. Assim alguém poderia furtar algo de minha casa de campo e repô-la na minha residência na cidade. Ele cometeu furto e eu nada perdi. Pode, portanto, alguém se tornar nocivo sem que o outro tenha sido alvejado por sua maldade. Assim, se alguém se deitasse com sua esposa, creditando ser ela a mulher de outro indivíduo, ele será adúltero sem que ela seja. Alguém me administra veneno, mas misturado que foi na comida, perdeu o efeito nocivo. Ele, ao me dar veneno, tornou-se culpado do delito ainda que não tenha conseguido matar-me. Assim não deixará de ser criminoso quem ficou frustrado no seu intento porque a veste do agredido interceptou um golpe

fatal. Todos os crimes mesmo antes de levados a termo, desde que culposos, são atos plenamente responsabilizados pela moral.

5. Algumas coisas são de tal tipicidade e de tal modo conexas entre elas que uma não pode existir sem a outra. O que afirmo, cuidarei de esclarecer. Posso mover os pés, sem correr, porém, não posso correr sem o movimento dos mesmos. Posso, embora dentro d'água, não nadar, mas não posso nadar sem estar dentro d'água.

6. Isso vale para o que estou esclarecendo. Se eu recebi uma injúria, então alguém a causou. Se ela aconteceu, nem por isso, necessariamente, atingiu-me. Pois podem ocorrer muitas circunstâncias que as interceptam. Assim um elemento fortuito pode incidir sobre a mão que segura a arma assassina, desviando o golpe. Assim, lesões de todo tipo podem, por certas circunstâncias, ser arremessadas para trás e interceptadas no meio do curso, para que sejam feitas e ainda não recebidas.

VIII.

1. De outro lado, a justiça nada de injusto pode sofrer porque os contrários repelem-se. Por conseguinte, a injúria só pode admitir algo de injusto. Logo o sábio não é passível de ser injuriado. E não há motivo para se admirar. Se ninguém pode causar-lhe injúria também não pode lhe ser proveitoso. Ao sábio nada falta. Não necessita de prêmio. Por sua vez, o mal nada de digno contém para oferecer ao sábio. Aliás, para dar é necessário, antes, ter, mas o mal nada tem de cujo valor possa desejar o sábio.
2. Ninguém favorece nem desfavorece ao sábio porque as coisas divinas nem desejam ajuda nem temem prejuízo. Por sua vez, o sábio já está bem perto dos deuses. Com exceção da mortalidade, ele é semelhante a um deus. Com seu empenho em alcançar coisas sublimes, ordenadas e intrépidas que evoluem em um ritmo igual e harmonioso, tendo por objetivo coisas seguras, plausíveis, direcionadas para o bem comum, enquanto saudáveis tanto para ele como para os demais, então com nada de abjeto ele se defronta nem de coisa alguma sente ausência.
3. Aquele que, com uso de sua racionalidade, atravessa pelas vicissitudes humanas, com ânimo divino, não abre espaço para receber injúria. Você pensa que só por parte dos homens não possa advir injúria? Garanto que nem sequer da parte da Fortuna, já que essa sempre que se encontra com a virtude, nunca se iguala a ela. Se mesmo aquela prova máxima, além da qual não subsiste ameaça alguma, seja da parte de leis severas, seja da parte dos senhorios crudelíssimos, onde a fortuna encontra barreiras para seu império, nós a recebemos, de modo plácido e todo conformado, sabendo ser a morte não um mal e que por isso ela deixa de implicar injúria, então, com muita ousadia, suportaremos todas as demais contrariedades, danos, dores, afrontas, lutas familiares e separações. Todas essas coisas, ainda que assediem o sábio, não o afogam porque tais ocorrências não o entristecem, mesmo quando agridem com assaltos sucessivos. Pois o sábio tolera, com domínio, as injúrias oriundas da fortuna, quanto mais então irá suportar as originadas de

homens prepotentes que são meros instrumentos dela.

IX.

1. O sábio suporta muitas coisas tais como o rigor do inverno, as variações de temperatura ou ainda febres e enfermidades além de outros incômodos fortuitos. Também não aprecia, tão positivamente, os indivíduos, a ponto de pensar que eles agem sob a luz da razão. Isso é exclusivo do homem sábio. Nos demais seres humanos, não prevalecem o discernimento racional. Há, ao invés, fraude, ousadia e ímpeto passional. Em suma, coisas que o sábio enumera no padrão de ocorrências fortuitas pois a fortuna é que testada de todos os lados e resulta em aviltamento.
2. Seja vista, de outro lado, a extensão de oportunidades que existem para a injúria em situações a que estamos expostos tais como um acusador contratado, pechas caluniosas, poderosos irritados e roubalheira de todo naipe praticada por togados. Outro tipo de injúria surge, quanto alguém vê seu lucro ou alguma vantagem, de há muito almejada, contrariar a expectativa ou quando uma herança esperada, com muita ansiedade, é desviada ou o negócio de um cargo lucrativo é frustrado. Em todo caso, disso tudo o sábio fica longe porque ele não vive nem de expectativa ansiosa nem de temores.
3. Seja acrescentado que ninguém recebe injúria sem alguma perturbação de alma a não ser quando fica apreensivo, mas o indivíduo, isento de erros não sente tais abalos pois, dono de si mesmo, é senhor de profunda e plácida quietude. Se fosse sua pessoa alvejada, ele se inquietaria, mas o sábio está isento da ira que a mera aparência de injúria provoca. Além do mais, ele não se livraria daquele ímpeto raivoso, se também não estivesse alheio aos motivos que o provocam. Eis porque ele se mantém firme e bem-disposto, possuído de constante bom humor. Aliás, a tal ponto ele recusa curvar-se ante as ofensas de fatos e de atitudes que a mesma injúria se toma útil para testar tanto a ele mesmo como para colocar a virtude à prova.
4. Eu lhe peço. Saibamos acatar, com respeitosa serenidade, o presente ensinamento. Seja prestada atenção benevolente, com ouvidos abertos às razões pelas quais o sábio está distante de qualquer injúria. Não é por isso

que se tolhe algo de sua arrogância nem da rapacidade de seu apetite ou mesmo da cegueira temerária de sua soberba. Ao deixar de lado os vícios, florescendo à bruta, o sábio conquista a própria liberdade. Não estamos a insistir que não lhe seja lícito molestá-lo, mas para que ele lance no abismo todas as injúrias, defendendo-se de modo paciente e com grandeza de alma.

5. Também nos jogos sacros, a maioria das vitórias é obtida mediante a estratégia que consiste na perícia de saber como cansar as mãos do atacante. Pode então ficar certo que o sábio pertence àquela categoria que, com exercitação perseverante e rija, conseguiu forças para resistir a toda violência inimiga, cansando-a.

X.

1. Já que já discutimos a primeira parte do nosso assunto, passemos à segunda, na qual provaremos com argumentos, alguns dos quais são nossos, mas que em sua maioria são lugares comuns, que o homem sábio não pode ser insultado.
2. Há uma forma menor de lesão, da qual devemos nos queixar, ao invés de nos vingar, a qual as leis também têm considerado não merecer qualquer punição especial. Essa paixão é produzida por uma mesquinhez de espírito que encolhe em todos os atos ou obras que a tratam com desrespeito. "Ele não me admitiu em sua casa hoje, embora tenha admitido outros; ou virou-se altivo ou riu abertamente quando eu falava;" ou, "ele me convidou ao jantar, mas me colocou não no sofá do meio (o lugar de honra), mas no mais baixo¹⁷;" e outros assuntos do mesmo gênero; aos quais não posso chamar nada além dos queixumes de uma alma caprichosa. Esses assuntos afetam principalmente os prósperos e glamorosos; pois aqueles que são atormentados por males piores não têm tempo de perceber tais coisas.
3. Por excesso de ociosidade, disposições naturalmente fracas e efeminadas propensas a se entregarem à fantasia, por falta de ferimentos reais, são perturbadas por essas coisas, a maior parte das quais decorre de mal-entendidos. Aquele, portanto, que é afetado pelo insulto mostra que não possui nem senso nem confiança; pois considera certo que é desprezado, e esse aborrecimento o afeta com certa sensação de degradação, à medida que se afasta e toma um lugar inferior; ao passo que o sábio não é desprezado por ninguém, pois conhece sua própria grandeza, dá-se ao entendimento de que não permite que ninguém tenha tal poder sobre ele, e quanto a tudo o que eu não deveria tanto chamar de angústia, mas de mal-estar da alma, ele não o sobrepuja, mas nunca sequer o sente.
4. Algumas outras coisas atingem o sábio, embora não abalem seus princípios, como a dor e a fraqueza corporal, a perda de amigos e filhos e a ruína de seu país em tempos de guerra. Não digo que o sábio não os sinta,

pois não lhe atribuímos a dureza da pedra ou do ferro; Não existe virtude que não senta o impacto da adversidade. O que ele faz então? Recebe alguns golpes, mas, quando os recebe, levanta-se superior a eles, cura-os e acaba com eles; essas coisas mais triviais nem sequer sente, nem faz uso da sua habitual fortaleza na resistência do mal contra eles, mas ou não se dá conta deles ou os considera merecedores de riso.

XI.

1. Além disso, como a maioria dos insultos procede daqueles que são prepotentes e arrogantes e suportam mal a sua prosperidade, ele tem algo com que repelir essa paixão altiva, a saber, aquela mais nobre de todas as virtudes, a magnanimidade, que passa por cima de tudo isso como se fossem visões irreais em sonhos e da noite, que nada têm de substancial ou verdadeiro nelas.
2. Ao mesmo tempo, ele reflete que todos os homens estão demasiado inferiores para se aventurarem a desprezar o que está tão acima deles. A palavra latina "*contumelia*"(insulto/contumélia) deriva da palavra "*contemptu*" (desprezo)¹⁸, porque ninguém faz esse dano ao próximo, a menos que ele o veja com desprezo; e ninguém pode tratar seus anciãos e superiores com desprezo, ainda que o faça o que as pessoas desprezíveis costumam fazer; pois as crianças de cola batem no rosto dos pais, os bebês embaraçam e puxam os cabelos da mãe, cospem nela e as desnudam, e não se abstêm de usar linguagem obscena; no entanto, não chamamos nada disso de desprezo. E por quê? Porque aquele que o faz não é capaz de demonstrar desprezo.
3. Pela mesma razão que nos diverte o furor dos nossos escravos contra seus senhores, pois sua ousadia só ganha licença para se exercitar às custas dos convidados se eles começarem pelo senhor; e quanto mais desprezível e quanto mais objeto de escárnio cada um deles, tanto maior licença ele dá à sua língua. Alguns compram escravos para esse fim, cultivam sua indignidade e os mandam para a escola, para que possam soltar calúnias premeditadas, que não chamamos de insultos, mas de dizeres espirituosos; no entanto, que loucura, em um momento se divertir e em outro se ofender com a mesma coisa, e chamar uma frase de ultraje quando falada por um amigo, e um gracejo quando usada por um escravo-menino!

XII.

1. No mesmo espírito em que lidamos com os meninos, o sábio lida com todos aqueles cuja infância ainda perdura após a juventude e seus cabelos grisalhos. O que o homem ganha com a idade quando sua mente tem todos os defeitos da infância e seus defeitos são intensificados pelo tempo? Quando diferem das crianças apenas no tamanho e aparência de seus corpos, e são igualmente instáveis e caprichosos, ávidos por prazer sem discriminação, temerosos e calados pelo medo e não pela disposição natural?
2. Não se pode dizer que tais homens diferem das crianças, porque estas últimas são gananciosas por quinquilharias e por nozes e moedas, enquanto os primeiros são gananciosos por ouro, prata e cidades; porque as segundas brincam entre si de serem magistrados, e imitam o manto roxo do estado, os machados dos lictores e o tribunal, enquanto os primeiros brincam com as mesmas coisas com seriedade no Campo de Marte¹⁹ e nos tribunais de justiça; porque as segundas empilham a areia na praia à semelhança das casas, e os primeiros, com o ar de estarem empenhados em negócios importantes, empregam-se no empilhamento de pedras e paredes e telhados até que transformem em perigo o que se destinava à proteção do corpo?
3. As crianças e os mais avançados na idade cometem ambos o mesmo erro, mas os últimos tratam de coisas diferentes e mais importantes; o sábio, portanto, tem toda a razão em tratar as ofensas que recebe de tais homens como piadas: e às vezes os corrige, como o faria as crianças, pela dor e pelo castigo, não porque tenha recebido um ferimento, mas porque eles o fazem e para que não mais o cometam. Assim, adestramos os animais com açoites, mas não nos zangamos com eles quando se recusam a carregar seu cavaleiro, mas os reprimimos para que a dor possa superar sua obstinação. Agora, pois, já conhece a resposta à pergunta que nos foi feita: "Por que, se o sábio não recebe ferimentos nem insultos, castiga os que fazem estas coisas? Ele não se vinga, mas os corrige.

XIII.

1. O que, então, existe para impedir que você acredite que essa força mental pertence ao homem sábio, quando você pode ver a mesma coisa existente em outros, embora não da mesma causa... - Pois qual médico fica com raiva de um paciente louco... que leva a sério as pragas de um doente com febre e a quem é negada água fresca?

2. O sábio retém em seu trato com todos os homens esse mesmo hábito intelectual que o médico adota ao lidar com seus pacientes, cujos aspectos vergonhosos ele não se furta a lidar caso necessitem de tratamento, nem a olhar para suas evacuações sólidas e líquidas, nem a suportar suas reprovações quando alucinados pela doença. O sábio sabe que todos os que se vangloriam em togas de cor púrpura²⁰, sãos e embriagados, são pessoas doentes do cérebro, que ele considera doentes e insensatos. Ele os vê como carentes de temperança.

Eis porque não se irrita, quando alguém, levado pela própria fraqueza, manifesta-se insolente contra quem o medica. Com a mesma disposição com que não dá importância a elogios assim também não dá valor a vitupério.

3. Não se elevará em sua própria estima se um mendigo lhe fizer corte, e não pensará que é uma afronta se uma das escórias do povo não lhe retribuir a saudação. Assim também não se admirará a si mesmo, ainda que muitos homens ricos o admirem; pois sabe que eles não diferem em nenhum aspecto dos mendigos – não, são ainda mais infelizes do que eles; pois os mendigos só querem um pouco, enquanto os ricos querem muito. Mais uma vez, não se comoverá se o rei dos Medos²¹, ou Átalo²², rei da Ásia, passar por ele em silêncio, com ar de escárnio, quando oferece sua saudação; pois sabe que a posição de tal homem não tem nada que o torne mais invejável do que a do homem cujo dever é, em alguma grande casa, manter em ordem os escravos doentes e loucos.

4. Por acaso ficaria eu molestado com a grosseria de alguns desses indivíduos que trabalham perto do Templo de Castor²³, no comércio de escravos, sendo

que suas barracas cheias de serviçais da pior laia? Certamente não. Que tem de bom o indivíduo sob cujo poder só existe coisa ruim? Da mesma maneira como o sábio menospreza cortesia ou descortesia, assim ele encara o rei e questiona-o: "Majestade, é mestre" - diz ele – "dos Partos²⁴, dos Medos e dos Bactrianos²⁵, mas eles são homens que mantêm em ordem por medo, são pessoas cuja posse o proíbe de descansar o arco, são inimigos ferozes, à venda, e avidamente procurando um novo mestre".

5. O sábio não se altera com insulto algum. Por mais que todos eles sejam diferentes, o sábio vê a todos como meros mentecaptos. Se uma única vez ocorresse deixar-se abater por causa de injúria ou de insulto, então nunca mais sentir-se-ia seguro. A segurança é uma qualidade específica do sábio. Ele jamais cometerá o erro de, ao ser alvejado por insulto, prestar homenagem ao agressor. Pois o agente do incômodo sentir-se-ia feliz pelo cumprimento.

XIV.

1. Tal insensatez possui alguns homens que eles imaginam ser possível que uma mulher os insulte. Que importa quem ela possa ser, quantos escravos carregam sua liteira, quão pesados são seus ouvidos²⁶, quão suave é seu assento? Ela será sempre a mesma criatura impulsiva, e a menos que possua conhecimentos adquiridos e muito aprendizado, ela é feroz e apaixonada em seus desejos. Alguns se aborrecem de serem abalados por um cabeleireiro, e chamam de insultos a relutância do porteiro de um grande homem em abrir a porta, o orgulho de seu nomenclador²⁷, ou o desdém de seu camareiro. O! que alegria é sair de tais coisas, com que divertimento a alma pode se encher quando contrasta as tolices frenéticas dos outros com a sua própria paz!

2. *"Como, então? Não se aproximará o sábio de portas que são guardadas por um porteiro rude?"*. Não, se alguma necessidade o chamar para lá, ele o julgará, por mais feroz que seja, o domará como se domestica um cão oferecendo-lhe comida, e não se enfurecerá por ter de gastar dinheiro na entrada, refletindo que em certas pontes também se tem de pagar pedágio; da mesma forma, pagará seus honorários a quem quer que cultive essa receita de deixar entrar visitantes, pois ele sabe que os homens estão acostumados a comprar o que quer que seja oferecido para venda²⁸. Um homem mostra um espírito pobre se está satisfeito consigo mesmo por ter respondido ao porteiro com cavalheirismo, quebrado a sua resistência, forçado a entrar na presença do seu senhor, e exigido uma chicotada nele. Aquele que polemiza com um homem se faz rival desse homem, e deve ficar em pé de igualdade com ele para poder vencê-lo.

3. Mas o que fará o homem sábio quando receber uma bofetada? Fará como fez Catão quando foi atingido no rosto; não se exaltou e vingou o ultraje, nem sequer o perdoou, mas o ignorou, mostrando mais magnanimidade em não o reconhecer do que se o tivesse perdoado.

4. Não nos deteremos muito sobre este ponto; pois, quem ignora que coisas como essas, tidas ora por boas, ora por más, são todas elas vistas pelo sábio

diversamente?

Ele não atende ao que, em geral, é tido por vergonhoso ou ruim. Não vai por onde caminha a multidão. Qual estrela no céu, segue seu percurso próprio. Assim ele tem um modo de proceder diferente do comum agir dos preconceitos de todos.

XV.

1. Pare então de dizer: "*Não receberá o sábio, então, um ferimento se for espancado, se seu olho for arrancado? não receberá um insulto se for agredido no Fórum pelas vozes sujas dos rufiões? se num banquete da corte for convidado a deixar a mesa e comer com escravos designados para deveres degradantes? se for forçado a suportar qualquer outra coisa que possa ser pensada que possa ferir um espírito elevado?*"?
2. Por muitas ou severas que sejam essas cruzes, todas serão da mesma espécie; e se as pequenas não o afetam, nem as maiores; se algumas não o afetam, nem as maiores. É da própria fraqueza que você forja a sua ideia acerca da sua alma colossal, e quando pensa no quanto você mesmo poderia sofrer, coloca o limite da resistência do homem sábio um pouco além disso. Mas a virtude dele o colocou em outra região do universo que nada tem em comum com você.
3. Procure os sofrimentos e todas as coisas difíceis de suportar, repulsivas de serem ouvidas ou vistas; ele não se deixará dominar pela combinação delas, e tudo suportará como suporta a cada uma delas. Aquele que diz que o homem sábio pode suportar isso e não pode suportar aquilo, e restringe sua magnanimidade dentro de certos limites, erra; pois a Fortuna nos vence, a menos que ela seja inteiramente vencida.
4. Não pense que isso é mera austeridade estoica. Epicuro, a quem você adota como patrono de sua indolência, e que, imagina, sempre ensinou o que era suave e permissivo e propício ao prazer, disse: "***A Fortuna raramente se coloca no caminho do homem sábio***". Como ele chegou perto de um sentimento viril! Atreva-se a falar com mais ousadia, e tire-a completamente do caminho!
5. Esta é a casa do homem sábio - a porta aberta, sem artifícios e sem esplendor, guardada por nenhum porteiro que ordene a multidão de visitantes com soberba proporcional a seus subornos - mas a Fortuna não pode cruzar esta porta aberta e desprotegida. Ela sabe que não há lugar para ela onde não

há nada do seu.

XVI.

1. Agora, se mesmo Epicuro, que fez mais concessões ao corpo do que qualquer outro, toma um tom espirituoso com relação às lesões, o que pode aparecer além da crença ou além do escopo da natureza humana entre nós estoicos? Ele diz que as injúrias são toleradas pelo sábio, nós dizemos que elas não existem para ele.
2. Tampouco há qualquer razão para que você declare isso como contrário à natureza. Não negamos que é uma coisa desagradável ser espancado ou golpeado, ou perder um de nossos membros, mas dizemos que nenhuma dessas coisas são injúrias. Não lhes tiramos a sensação de dor, mas o nome de "injúria", que não pode ser atribuído enquanto a nossa virtude estiver intacta. Veremos qual dos dois está mais próximo da verdade; cada um deles concorda em desprezar a lesão. Você pergunta que diferença há entre eles? Toda a diferença que existe entre dois gladiadores muito corajosos, um dos quais esconde sua ferida e se mantém firme, enquanto o outro se volta para a população gritante, dá-lhes a entender que sua ferida não é nada, e não lhes permite interceder em seu favor.
3. Não é preciso pensar que é grande coisa a respeito da qual divergimos; toda a essência do assunto, aquilo que só a você diz respeito, é o que ambas as escolas de filosofia o exortam a fazer, a saber, desprezar ferimentos e insultos, que eu posso chamar de sombras e contornos de ferimentos, desprezar isso não precisa de um homem sábio, mas apenas de um sensato, que possa dizer a si mesmo: *"Será que estas coisas me acontecem merecidamente ou sem merecer? Se merecidamente, não é um insulto, mas uma sentença judicial; se imerecidamente, quem faz injustiça deve se envergonhar, não eu. E o que é isso que se chama insulto?"*
4. *Alguém fez uma piada sobre a calvície da minha cabeça, a fraqueza dos meus olhos, a magreza das minhas pernas, a falta de estatura; que insulto há em dizer-me o que todos veem? Nós rimos quando estamos diante de uma multidão, e não damos aos outros o privilégio de dizer o que nós mesmos*

estamos acostumados a dizer sobre nós mesmos; nos divertimos com gracejos decorosos, mas nos indignamos se eles são levados longe demais".

XVII.

1. Crisipo diz que um homem ficou enfurecido porque alguém o chamou de "chorão do mar"; vimos Fido Cornélio, o genro de Ovídio Naso²⁹, chorando no Senado porque Carbúleo o chamou de avestruz depenado; o comando de seu semblante não lhe falhou em outras acusações abusivas, que prejudicaram seu caráter e seu modo de vida; a esse abuso ridículo ele irrompeu em lágrimas.

2. Tão deplorável é a fraqueza da alma dos homens quando a razão já não os guia. Que dizer de nos ofendermos se alguém imita nossa fala, nossa caminhada, ou apontam algum defeito de nossa pessoa ou de nossa pronúncia? Como se eles se tornassem mais notórios pela imitação de outrem do que por nós mesmos. Alguns não estão dispostos a ouvir sobre sua idade e cabelos grisalhos, e todo o resto do que os homens rezam para conseguir. A reprovação da pobreza agoniza alguns homens e, quem a esconde, faz dela uma reprovação para si mesmo; e, portanto, se você, por sua própria vontade, é o primeiro a reconhecê-la, corta o chão debaixo dos pés daqueles que o escarneceriam e o insultariam delicadamente; ninguém ri de quem começa por rir de si mesmo.

3. A tradição nos diz que Vatínio, um homem nascido para ser ridicularizado e odiado, era um astuto e inteligente brincalhão. Ele fez muitas piadas sobre seus pés e seu pescoço curto, e assim escapou dos sarcasmos de Cícero acima de tudo, e de seus outros inimigos, dos quais ele tinha mais do que doenças. Se ele, que através de constantes abusos havia esquecido como corar, poderia fazer isso por puro descaramento, por que não aquele que tem feito algum progresso na educação de um cavalheiro e no estudo da filosofia?

4. Além disso, é uma forma de vingança estragar o gozo de um homem pelo insulto que ele nos ofereceu; tais homens dizem: "*Oh, meu Deus! Eu não entendo*". Assim, o sucesso de um insulto reside na sensibilidade e na raiva da vítima; daqui a pouco o ofensor encontrará por vezes o seu par; alguém será encontrado para vingar também a você.

XVIII.

1. Caio César³⁰, entre os outros vícios com que transbordava, era possuído por uma estranha paixão insolente por apontar cada um deles com alguma nota de ridículo, sendo ele próprio o sujeito mais tentador para o escárnio; tão feio era a palidez que o provava louco, tão selvagem o brilho dos olhos que se espreitavam sob a testa de mulher velha, tão horrenda sua cabeça deformada, careca e salpicada de alguns cabelos tão estimados; além do pescoço encrespado de barbas, suas pernas finas, seus pés monstruosos. Seria interminável, se eu mencionasse todos os insultos que ele lançou sobre seus pais e antepassados, e pessoas de todas as classes de vida. Mencionarei aqueles que o levaram à ruína.

2. Um amigo especial dele era Asiático Valério³¹, um homem orgulhoso e pouco suscetível de suportar calmamente os insultos de outro. Em uma sessão de bebedeira, ou seja, uma assembleia pública, Caio, no alto de sua voz, ofendeu esse homem com a maneira como sua esposa se comportava na cama. Bons deuses! Que um homem ouça que o imperador sabia disso, e que ele, o imperador, descreva seu adultério e sua decepção ao marido da mulher, que tal libertinagem não seja dita a um cônsul ou a um amigo.

3. Quérea³², por outro lado, o tribuno militar, tinha uma voz não condizente com suas proezas, fraco em som e algo suspeito, a menos que você soubesse de suas conquistas. Quando pediu a palavra de ordem Caio lhe atribuiu o nome "Vênus³³", e em outra ocasião, "Príapo³⁴", e por vários meios ofendeu o homem de armas com sendo efeminado; enquanto ele mesmo estava vestido com roupas transparentes, usando sandálias e joias. Assim ele o obrigou a usar sua espada, para não ter que pedir a palavra de ordem com mais frequência; foi Quérea quem primeiro de todos os conspiradores levantou sua mão, que cortou o meio do pescoço de Calígula com um só golpe. Depois disso, muitas espadas, pertencentes a homens que tinham injúrias públicas ou privadas para vingar, foram empurradas em seu corpo, mas o que se mostrou másculo mesmo foi quem menos aparetava sê-lo.

4. O mesmo Caio interpretava tudo como um insulto (já que aqueles que estão mais ansiosos para oferecer afrontas são os menos capazes de suportá-las). Ele estava zangado com Erênio Macro por tê-lo saudado como Caio - nem o centurião chefe dos Triários³⁵ saiu impune por tê-lo saudado como Calígula; tendo nascido no campo de batalha e sido criado como filho das legiões, ele era chamado por esse nome, nem havia nenhum pelo qual fosse mais conhecido das tropas, mas a essa altura ele considerava "Calígula"³⁶ uma reprovação e uma desonra.

5. Que os espíritos feridos, pois, se consolem com essa reflexão, que, embora nosso temperamento tranquilo possa ter negligenciado a vingança, haverá alguém que castigue o homem impertinente, orgulhoso e insultuoso, pois são vícios que ele nunca se limita a uma vítima ou a um único ato ofensivo.

6. Vejamos os exemplos daqueles homens cuja resistência admiramos, como, por exemplo, o de Sócrates, que aceitou em bom grado o publicado a seu respeito e agiu de forma justa com os comediantes, e riu nada menos do que quando foi encharcado com água suja por sua mulher Xântipe. Antístenes³⁷ foi criticado por sua mãe ser bárbara e trácia; ele respondeu que a mãe dos deuses também vinha do monte Ida³⁸.

XIX.

1. Não devemos nos envolver em brigas e disputas; devemos nos afastar e desconsiderar tudo o que pessoas irrefletidas fazem (na verdade, só pessoas irrefletidas o fazem), e atribuir igual valor às honras e às reprovações da multidão; não devemos ser feridos por umas ou satisfeitos pelas outras.
2. Caso contrário, negligenciaremos muitos pontos essenciais, abandonaremos nosso dever tanto para com o Estado como na vida privada, por medo excessivo de insultos ou cansaço deles, e às vezes até perderemos o que nos faria bem, enquanto torturados por essa dor feminil ao ouvirmos algo que não nos agrada. Às vezes, também, quando enfurecidos com homens poderosos, vamos expor essa falha por nossa imprudente liberdade de expressão; no entanto, não é liberdade não sofrer - estamos equivocados - a liberdade consiste em elevar a mente acima das feridas e em nos tornarmos uma pessoa cujos prazeres vêm somente de si mesmo, em nos desligarmos das circunstâncias externas para que não tenhamos de levar uma vida perturbada com temor ao ridículo e à língua de todos os homens; pois, se qualquer homem pode oferecer um insulto, quem existe que não possa?
3. O homem sábio e o aspirante a sábio aplicarão a isso remédios diferentes; pois só aqueles cuja educação filosófica é incompleta, e que ainda se guiam pela opinião pública, é que supõem que devem passar a vida em meio a insultos e ferimentos; no entanto, todas as coisas acontecem de modo mais tolerável aos homens que estão preparados para elas. Quanto mais nobre é um homem por nascimento, por reputação, ou por herança, tanto mais corajosamente deve suportar a si mesmo, lembrando-se de que os homens mais elevados estão na linha de frente na batalha. Quanto a insultos, linguagem ofensiva, ignomírias e ofensas semelhantes, ele deve suportá-los como suportaria os gritos do inimigo, e dardos ou pedras atiradas à distância, que chocam em seu capacete sem causar ferimentos; enquanto ele deve olhar as injúrias como ferimentos, umas recebidas em sua armadura e outras em seu corpo, que ele suporta sem cair ou mesmo deixar seu lugar nas

fileiras. Mesmo sendo pressionado e violentamente atacado pelo inimigo, ainda assim é vergonhoso ceder; mantenha o posto que lhe foi atribuído pela natureza.

4. Você pergunta, que posto é esse? é o de ser um homem. O homem sábio tem outra vantagem, do tipo oposto a esta; você está trabalhando duro, enquanto ele já conquistou a vitória. Não lute contra seu próprio bem, e, até que tenha feito o caminho da verdade, mantenha viva essa esperança em sua alma, esteja disposto a receber a notícia de uma vida melhor, e a encoraje com sua admiração e suas orações; é do interesse da comunidade humana que haja alguém que não seja conquistado, alguém contra quem a Fortuna não tenha poder.

Notas

[1](#) Dicionário [Caudas Aulete](#): 1. Palavra ou dito que insulta, ofende, afronta; INJÚRIA; OFENSA; INSULTO.

[2](#) **Marco Pórcio Catão Uticense** (*Marcus Porcius Cato Uticensis*, Roma, 95 a.C. — Útica, 46 a.C.), também conhecido como Catão de Útica ou Marco Pórcio Catão, o Jovem, ou o Moço (para se distinguir do seu bisavô, Marco Pórcio Catão, o Velho), foi um político romano célebre pela sua inflexibilidade e integridade moral. Partidário da filosofia estoica, era avesso a qualquer tipo de suborno. Opunha-se, particularmente, a Júlio César. suicidou-se em Útica, no norte da África, após a derrota das forças de Pompeu.

[3](#) **Públio Vatínio** (*Publius Vatinius*) foi um político da gente Vatínia da República Romana eleito cônsul em 47 a.C. com Quinto Fúlio Caleno. Cícero, em seu discurso contra Vacínio, o descreve como um dos maiores vilões da história romana e relata que seu aspecto pessoal era desagradável porque ele tinha o rosto e o colo cobertos por inchaços. Numa alusão a eles, Cícero o chama de "*struma civitatis*". É mencionado outra vez o capítulo XVII, 3.

[4](#) A **Rostra** era uma grande plataforma construída na cidade de Roma, erguida durante os períodos republicano e imperial da cidade. O termo "rostro" (Rostrum), que se refere a um pódio utilizado para se fazer um discurso ou pronunciamento, deriva do nome da estrutura; o orador se colocava diante de um Rostrum, sobre a Rostra. Posteriormente, diversas rostra passaram a existir, tanto na própria cidade de Roma quanto ao redor da república e, posteriormente, do império.

[5](#) Primeira vez onde Sêneca usa a palavra “*contumelia*” mas a frente ele irá defini-la com clareza.

[6](#) **Públio Clódio Pulcro** (*Publius Clodius Pulcher*), mais conhecido apenas como Clódio, foi um político da República Romana conhecido por suas táticas populistas. Como tribuno da plebe, Clódio defendeu um ambicioso programa legislativo que incluía até mesmo a distribuição gratuita de cereais. Contudo, ele é lembrado principalmente por seu conflito com Marco Túlio Cícero e Tito Ânio Milão.

[7](#) Referência ao **Primeiro Triunvirato** que foi uma aliança política informal estabelecida em 60 a.C., na República Romana, entre Júlio César, Pompeu e Marco Licínio Crasso.

[8](#) Veja explicação sobre os termos insulto/contumélia na introdução.

[9](#) Referência a **Xerxes**, rei persa entre 485 e 465 a.C., cuja soberba era notória. As alusões referem-se a episódios da guerra entre a Pérsia e a Grécia, vencida pelos gregos. **Xerxes** é retratado na história dos 300 de Esparta na batalha das Termópilas

[10](#) "distinguir entre injúria e insulto" (*Diuidamus, ..., iniuriam a contumelia.*): nos capítulos V a IX trata da injúria; nos capítulos X a XVIII discute o insulto.

[11](#) **Demétrio I**, cognominado Poliórcetes, filho de Antígonos I Monoftalmo e Estratonice, foi um rei da Macedônia entre 294 e 288 a.C.

[12](#) **Estilpo** (Στίλπων. c. 360-c. 280 a.C.) foi um filósofo grego da Escola megárica. Nenhum de seus escritos chegou até os dias atuais.

[13](#) *animi magnitudinem*, estado de espírito que permite se colocar além da influência de situações ou fatos ocorrentes.

[14](#) **Numância** foi um antigo assentamento celtibérico na atual na Espanha. Fundada no início do século III a.C., foi destruída pelas tropas romanas de Cipião em 133 a.C., após um cerco de onze meses que pôs fim a uma feroz resistência de vinte anos aos invasores. Cipião, para quebrar a tenaz persistência de Numância, utilizou uma técnica de cruel paciência, construindo um cerco amuralhado em torno da colina de Numância, levando os seus habitantes à inanição e ao desespero.

[15](#) Referência a **Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano**, conhecido também como Cipião Africano ou Cipião Emiliano, foi eleito cônsul por duas vezes, em 147 e 134 a.C.

[16](#) Stewart coloca "os estoicos" como nota. Desnecessária...

[17](#) Entre os aristocratas, os convivas jantavam no *triclínio*, conjunto de três sofás de alturas diferentes, colocados em torno de uma mesa. O sofá do meio era o mais elevado, reservado ao lugar de honra.

[18](#) *Contumelia a contemptu dicta est.* Como explicado na introdução.

[19](#) **Campo de Marte** (em latim: *Campus Martius*) era uma área pública da Roma Antiga com aproximadamente 2 km² de área. Na Idade Média, era a região mais populosa de Roma.

[20](#) Sêneca aqui fala de homens usando a toga como oficiais, em contraste com a massa de cidadãos romanos, entre os quais o uso da toga já estava caindo em desuso na época de Augusto. Veja Macrob. "Sat.", vi. 5 extr., e Suetonius, "Vida de Octávio", 40

[21](#) Os **medos** foram uma das tribos de origem ariana que migraram da Ásia Central para o planalto Iraniano durante a Antiguidade. No final do século VII a.C., fundaram o Império Medo centrado na cidade de Ecbátana.

[22](#) A **dinastia atálida** foi uma linhagem grega que governou na cidade de Pérgamo após a morte de Lisímaco da Trácia - um dos generais e sucessores de Alexandre o Grande. O último monarca da

dinastia, Átalo III, ao morrer, em 133 a.C., legou seu reino a Roma, o qual foi convertido na província da Ásia.

23 **Templo de Castor e Pólux** ou Templo dos Dióscuros é um antigo templo no Fórum Romano dedicado aos irmãos Castor e Pólux. Durante o período imperial, o templo abrigava o escritório de pesos e medidas e era um depósito para o Tesouro do Estado.

24 O **Império Parta** ou **Parto**, também chamado Império Arsácida, foi uma das principais potências político-culturais iranianas da Pérsia Antiga.

25 **Báctria** ou **Bactriana** é uma região histórica cuja capital era a cidade de Bactro. Fazia parte da região persa do Coração e hoje integra o Tadjiquistão e o Uzbequistão.

26 Referência aos brincos preciosos.

27 Conforme a afluência, a entrada dos visitantes na casa do patrono era regulada por um escravo porteiro. Veja Sêneca em Sobre os Benefícios, VI, 33 e também [Sobre a Brevidade da Vida](#) XIV, 4.

28 Gertz lê "*decet emere venalia*", "não há mal nenhum em comprar o que está à venda".

29 **Públio Ovídio Naso**, conhecido como Ovídio nos países de língua foi um poeta romano que é mais conhecido como o autor de Heroides, Amores, e Ars Amatoria, três grandes coleções de poesia erótica, Metamorfoses, um poema hexâmetro mitológico, Fastos, sobre o calendário romano, e Tristia e Epistulae ex Ponto, duas coletâneas de poemas escritos no exílio, no mar Negro. Ovídio foi também o autor de várias peças menores.

30 Calígula.

31 **Décimo Valério Asiático** (*Decimus Valerius Asiaticus*) foi um proeminente senador romano da gente Valéria nomeado cônsul sufeto em 35 e eleito cônsul em 46. Processado por envolvimento na morte de Calígula, suicidou-se em 47 d.C.

32 **Cássio Quérea** (*Cassius Chaerea*) foi tribuno militar da guarda pretoriana em Roma. Juntamente com seu colega de tribuna Cornélio Sabino, ele conspirou contra o imperador e em 24 de janeiro de 41, fez suas vítimas; assassinando também a mulher de Calígula, Milônia Cesônia e sua filha, Júlia Drusila.

33 Deusa do Amor e da Beleza.

34 **Príapo** é o deus grego da fertilidade, filho de Dioniso e Afrodite. Sua imagem é apresentada como um homem maduro, mostrando um grande órgão genital (ereto).

35 Os **triários** eram soldados romanos fortemente armados, ricos, experientes, veteranos ou reformados, que intervinham quando os ataques da primeira e segunda linha falhavam. Os triários localizavam-se na terceira linha da formação romana e possuíam função defensiva.

36 A sua alcunha **Calígula**, a qual significa "botinhas", foi posta pelos soldados das legiões comandadas pelo pai, que achavam graça em vê-lo fantasiado de legionário, com pequenas cáligas (sandálias militares) nos pés.

37 **Antístenes** foi um filósofo grego considerado o fundador da filosofia cínica, aprendeu retórica com Górgias antes de se tornar um discípulo de Sócrates.

38 O **monte Ida** é a mais alta montanha da ilha de Creta, na Grécia. Era uma montanha sagrada para os antigos gregos, onde a titânide Reia deu à luz o seu filho Zeus, na caverna Ideana.

Original em Latim

AD SERENVM
NEC INVRIAM NEC
CONTVMELIAM ACCIPERE
SAPIENTEM
DE CONSTANTIA SAPIENTIS

I.

1. Tantum inter Stoicos, Serene, et ceteros sapientiam professos interesse quantum inter feminas et mares non inmerito dixerim, cum utraque turba ad uitae societatem tantundem conferat, sed altera pars ad obsequendum, altera imperio nata sit. Ceteri sapientes molliter et blande, ut fere domestici et familiares medici aegris corporibus, non qua optimum et celerrimum est medentur sed qua licet: Stoici uirilem ingressi uiam non ut amoena ineuntibus uideatur curae habent, sed ut quam primum nos eripiat et in illum editum uerticem educat qui adeo extra omnem teli iactum surrexit ut supra fortunam emineat. 2. 'At ardua per quae uocamus et confragosa sunt.' Quid enim? plano aditur excelsum? Sed ne tam abrupta quidem sunt quam quidam putant. Prima tantum pars saxa rupesque habet et inuici speciem, sicut pleraque ex longinquo speculantibus abscisa et conexa uideri solent, cum aciem longinquitas fallat, deinde proprius adeuntibus eadem illa quae in unum congesserat error oculorum paulatim adaperiuntur, tum illis quae praecipitia ex interuallo apparebant redit lene fastigium. 3. Nuper cum incidisset mentio M. Catonis, indigne ferebas, sicut es iniuritatis inpatiens, quod Catonem aetas sua parum intellexisset, quod supra Pompeios et Caesares surgentem infra Vatinios posuisset, et tibi indignum uidebatur quod illi dissuasuro legem toga in foro esset erepta quodque a rostris usque ad arcum Fabianum per seditiosae factionis manus traditus uoces inprobas et sputa et omnis alias insanae multitudinis contumelias pertulisset.

II.

1. Tum ego respondi habere te quod rei publicae nomine mouereris, quam hinc P. Clodius, hinc Vatinius ac pessimus quisque uenundabat et caeca cupiditate correpti non intellegebant se dum uendunt et uenire: pro ipso quidem Catone securum te esse iussi; nullam enim sapientem nec iniuriam accipere nec contumeliam posse, Catonem autem certius exemplar sapientis uiri nobis deos inmortalis dedisse quam Vlixem et Herculem prioribus saeculis. Hos enim Stoici nostri sapientes pronuntiauerunt, inuictos laboribus et contemptores uoluptatis et uictores omnium terrorum. 2. Cato non cum feris manus contulit, quas consecitari uenatoris agrestisque est, nec monstrigne ac ferro persecutus est, nec in ea tempora incidit quibus credi posset caelum umeris unius inniti: excussa iam antiqua credulitate et saeculo ad summam perducto sollertia cum ambitu congressus, multiformi malo, et cum potentiae immensa cupiditate, quam totus orbis in tres diuisus satiare non poterat, aduersus uitia ciuitatis degenerantis et pessum sua mole sidentis stetit solus et cadentem rem publicam, quantum modo una retrahi manu poterat, tenuit, donec abstractus comitem se diu sustentatae ruinae dedit simulque extincta sunt quae nefas erat diuidi; neque enim Cato post libertatem uixit nec libertas post Catonem. 3. Huic tu putas iniuriam fieri potuisse a populo quod aut praeturam illi detraxit aut togam, quod sacrum illud caput purgamentis oris adspersit? Tutus est sapiens nec ulla adfici aut iniuria aut contumelia potest.

III.

1. Videor mihi intueri animum tuum incensum et efferuescentem, paras adclamare: 'haec sunt quae auctoritatem praeceptis uestris detrahant. Magna promittitis et quae ne optari quidem, nedum credi possint. Deinde ingentia locuti cum pauperem negastis esse sapientem, non negatis solereilli et seruum et tectum et cibum deesse; cum sapientem negastis insanire, non negatis et alienari et parum sana uerba emittere et quidquid uis morbi cogit audere; cum sapientem negastis seruum esse, idem non itis infitias et uenitulum et imperata facturum et domino suo seruilia praestaturum ministeria: ita sublato alte supercilio in eadem quae ceteri descenditis mutatis rerum nominibus. 2. Tale itaque aliquid et in hoc esse suspicor, quod prima specie pulchrum atque magnificum est, nec iniuriam nec contumeliam accepturum esse sapientem. Multum autem interest utrum sapientem extra indignationem an extra iniuriam ponas. Nam si dicis illum aequo animo laturum, nullum habet priuilegium, contigit illi res uulgaris et quae discitur ipsa iniuriarum adsiduitate, patientia; si negas accepturum iniuriam, id est neminem illi temptaturum facere, omnibus relictis negotiis Stoicus fio.' 3. Ego uero sapientem non imaginario honore uerborum exornare constitui, sed eo loco ponere quo nulla permittatur iniuria. 'Quid ergo? nemo erit qui lacessat, qui temptet?' Nihil in rerum natura tam sacrum est quod sacrilegum non inueniat, sed non ideo diuina minus in sublimi sunt si existunt qui magnitudinem multum ultra se positam non tacturi adpetant; inuulnerabile est non quod non feritur, sed quod non laeditur: ex hac tibi nota sapientem exhibeo. 4. Numquid dubium est quin certius robur sit quod non uincitur quam quod non lacessitur, cum dubiae sint uires inexpertae, at merito certissima firmitas habeatur quae omnis incursus respuit? Sic tu sapientem melioris scito esse naturae, si nulla illi iniuria nocet, quam si nulla fit; et illum fortem uirum dicam quem bella non subigunt nec admota uis hostilis exterret, non cui pingue otium est inter desides populos. 5. Hoc igitur dico, sapientem nulli esse iniuriae obnoxium; itaque non refert quam multa in illum coiciantur tela, cum sit nulli penetrabilis. Quomodo quorundam lapidum inexpugnabilis ferro

duritia est nec secari adamas aut caedi uel deteri potest sed incurrentia ultro retundit, quemadmodum quaedam non possunt igne consumi sed flamma circumfusa rigorem suum habitumque conseruant, quemadmodum projecti quidam in altum scopuli mare frangunt nec ipsi ulla saeuitiae uestigia tot uerberati saeculis ostentant, ita sapientis animus solidus est et id roboris collegit ut tam tutus sit ab iniuria quam illa quae rettuli.

IV.

1. 'Quid ergo? non erit aliquis qui sapienti facere temptet iniuriam?' Temptabit, sed non peruenturam ad eum; maiore enim interuallo a contactu inferiorum abductus est quam ut ulla uis noxia usque ad illum uires suas perferat. Etiam cum potentes, et imperio editi et consensu seruientium ualidi, nocere intendent, tam citra sapientiam omnes eorum impetus deficient quam quae neruo tormentisue in altum exprimuntur, cum extra uisum exilierint, citra caelum tamen flectuntur. 2. Quid? tu putas tum, cum stolidus ille rex multitudine telorum diem obscuraret, ullam sagittam in solem incidisse aut demissis in profundum catenis Neptunum potuisse contingi? Vt caelestia humanas manus effugiunt et ab his qui templa diruunt ac simulacra conflant nihil diuinitati nocetur, ita quidquid fit in sapientem proterue, petulanter, superbe, frustra temptatur. 3. 'At satius erat neminem esse qui facere uellet.' Rem difficilem optas humano generi, innocentiam; et non fieri eorum interest qui facturi sunt, non eius qui pati ne si fiat quidem potest. Immo nescio an magis uires sapientiae ostendat tranquillitas inter lacementa, sicut maximum argumentum est imperatoris armis uirisque pollentis tuta securitas in hostium terra.

V.

1. Diuidamus, si tibi uidetur, Serene, iniuriam a contumelia. Prior illa natura grauior est, haec leuior et tantum delicatis grauis, qua non laeduntur homines sed offenduntur. Tanta est tamen animorum dissolutio et uanitas ut quidam nihil acerbius putent; sic inuenies seruum qui flagellis quam colaphis caedi malit et qui mortem ac uerbera tolerabiliora credat quam contumeliosa uerba. 2. Ad tantas ineptias peruentum est ut non dolore tantum sed doloris opinione uexemur, more puerorum, quibus metum incutit umbra et personarum deformitas et deprauata facies, lacrimas uero euocant nomina parum grata auribus et digitorum motus et alia quae impetu quodam erroris inproaudi refugiunt. 3. Iniuria propositum hoc habet, aliquem malo adficere; malo autem sapientia non relinquit locum (unum enim illi malum est turpitudo, quae intrare eo ubi iam uirtus honestumque est non potest); ergo, si iniuria sine malo nulla est, malum nisi turpe nullum est, turpe autem ad honestis occupatum peruenire non potest, iniuria ad sapientem non peruenit. Nam si iniuria alicuius mali patientia est, sapiens autem nullius mali est patiens, nulla ad sapientem iniuria pertinet. 4. Omnis iniuria deminutio eius est in quem incurrit, nec potest quisquam iniuriam accipere sine aliquo detimento uel dignitatis uel corporis uel rerum extra nos positarum. Sapiens autem nihil perdere potest; omnia in se reposuit, nihil fortunae credit, bona sua in solido habet contentus uirtute, quae fortuitis non indiget ideoque nec augeri nec minui potest; nam et in sumnum perducta incrementi non habent locum et nihil eripit fortuna nisi quod dedit; uirtutem autem non dat, ideo nec detrahit: libera est, iniuiolabilis, inmota, inconcussa, sic contra casus indurata ut ne inclinari quidem, nedum uinci possit; aduersus apparatus terribilium rectos oculos tenet, nihil ex uultu mutat siue illi dura siue secunda ostentantur. 5. Itaque nihil perdet quod perire sensurus sit; unius enim in possessione uirtutis est, ex qua depelli numquam potest, ceteris precario utitur: quis autem iactura mouetur alieni? Quodsi iniuria nihil laedere potest ex his quae propria sapientis sunt, quia <salua> uirtute sua salua sunt, iniuria sapienti non potest fieri. 6. Megaram Demetrius ceperat, cui cognomen Poliorcetes fuit. Ab hoc

Stilpon philosophus interrogatus num aliquid perdidisset, 'nihil,' inquit 'omnia mea mecum sunt.' Atqui et patrimonium eius in praedam cesserat et filias rapuerat hostis et patria in alienam dicionem peruerterat et ipsum rex circumfusus uictoris exercitus armis ex superiore loco rogitarbat. 7. At ille uictoriam illi excussit et se urbe capta non inuictum tantum sed indemnem esse testatus est; habebat enim uera secum bona, in quae non est manus injectio, at quae dissipata et direpta ferebantur non iudicabat sua, sed aduenticia et nutum fortunae sequentia. Ideo ut non propria dilexerat; omnium enim extrinsecus adfluentium lubrica et incerta possessio est.

VI.

1. Cogita nunc an huic fur aut calumniator aut uicinus inpotens aut diues aliquis regnum orbae senectutis exercens facere iniuriam possit, cui bellum et hostis et ille egregiam artem quassandarum urbium professus eripere nihil potuit. 2. Inter micantis ubique gladios et militarem in rapina tumultum, inter flamas et sanguinem stragemque impulsae ciuitatis, inter fragorem templorum super deos suos cadentium uni homini pax fuit. Non est itaque quod audax iudices promissum, cuius tibi, si parum fidei habeo, sponsorem dabo. Vix enim credis tantum firmitatis in hominem aut tantam animi magnitudinem cadere; sed is prodit in medium qui dicat: 3. 'non est quod dubites an attollere se homo natus supra humana possit, an dolores damna, ulcerationes uulnera, magnos motus rerum circa se frementium securus aspiciat et dura placide ferat et secunda moderate, nec illis cedens nec his fretus unus idemque inter diuersa sit nec quicquam suum nisi se putet, et se quoque ea parte qua melior est. 4. En adsum hoc uobis probaturus, sub isto tot ciuitatum euersore munimenta incussu arietis labefieri et turrium altitudinem cuniculis ac latentibus fossis repente desidere et aequaturum editissimas arces aggerem crescere, at nulla machinamenta posse reperiri quae bene fundatum animum agitent. 5. Erepsti modo e ruinis domus et incendiis undique reluentibus flamas per sanguinem fugi; filias meas quis casus habeat, an peior publico, nescio; solus et senior et hostilia circa me omnia uidens tamen integrum incolumemque esse censum meum profiteor: teneo, habeo quidquid mei habui. 6. Non est quod me uictum uictoremque te credas: uicit fortuna tua fortunam meam. Caduca illa et dominum mutantia ubi sint nescio: quod ad res meas pertinet, mecum sunt, mecum erunt. 7. Perdiderunt isti diuites patrimonia, libidinosi amores suos et magno pudoris inpendio dilecta scorta, ambitiosi curiam et forum et loca exercendis in publico uitiis destinata; feneratores perdiderunt tabellas, quibus auaritia falso laeta diuitias imaginatur: ego quidem omnia integra inlibataque habeo. Proinde istos interroga qui flent lamentantur, qui strictis gladiis nuda pro pecunia corpora opponunt, qui hostem onerato sinu fugiunt.' 8. Ergo ita habe,

Serene, perfectum illum uirum, humanis diuinisque uirtutibus plenum, nihil perdere. Bona eius solidis et inexsuperabilibus munimentis praecincta sunt. Non Babylonios illis muros contuleris, quos Alexander intrauit, non Carthaginis aut Numantiae moenia una manu capta, non Capitolium arcemue -- habent ista hostile uestigium: illa quae sapientem tuentur et a flamma et ab incursu tuta sunt, nullum introitum praebent, excelsa, inexpugnabilia, dis aequa.

VII.

1. Non est quod dicas, ita ut soles, hunc sapientem nostrum nusquam inueniri. Non fingimus istud humani ingenii uanum decus nec ingentem imaginem falsae rei concipimus, sed qualem conformamus exhibuimus, exhibebimus, raro forsitan magnisque aetatum interuallis unum; neque enim magna et excedentia solitum ac uulgarem modum crebro gignuntur. Ceterum hic ipse M. Cato, a cuius mentione haec disputatio processit, uereor ne supra nostrum exemplar sit. 2. Denique ualidius debet esse quod laedit eo quod laeditur; non est autem fortior nequitia uirtute; non potest ergo laedi sapiens. Iniuria in bonos nisi a malis non temptatur; bonis inter se pax est, mali tam bonis perniciosi quam inter se. Quodsi laedi nisi infirmior non potest, malus autem bono infirmior est, nec iniuria bonis nisi a dispari uerenda est, iniuria in sapientem uirum non cadit. Illud enim iam non es admonendus, neminem bonum esse nisi sapientem. 3. 'Si iniuste' inquit 'Socrates damnatus est, iniuriam accepit.' Hoc loco intellegere nos oportet posse euenire ut faciat aliquis iniuriam mihi et ego non accipiam: tamquam si quis rem quam e uilla mea surripuit in domo mea ponat, ille furtum fecerit, ego nihil perdiderim. 4. Potest aliquis nocens fieri, quamuis non nocuerit. Si quis cum uxore sua tamquam cum aliena concubat, adulter erit, quamuis illa adultera non sit. Aliquis mihi uenenum dedit, sed uim suam remixtum cibo perdidit: uenenum ille dando scelere se obligauit, etiam si non nocuit. Non minus latro est cuius telum opposita ueste elusum est. Omnia scelera etiam ante effectum operis, quantum culpae satis est, perfecta sunt. 5. Quaedam eius condicionis sunt et hac uice copulantur ut alterum sine altero esse possit, alterum sine altero non possit. Quod dico conabor facere manifestum. Possum pedes mouere ut non currat: currere non possum ut pedes non moueam; possum, quamuis in aqua sim, non natare: si nato, non possum in aqua non esse. 6. Ex hac sorte et hoc est de quo agitur: si iniuriam accepi, necesse est factam esse; si est facta, non est necesse accepisse me. Multa enim incidere possunt quae summoueant iniuriam: ut intentatam manum deicere aliquis casus potest et emissu tela declinare, ita iniurias qualescumque potest aliqua res repellere et in medio

intercipere, ut et factae sint nec acceptae.

VIII.

1. Praeterea iustitia nihil iniustum pati potest, quia non coeunt contraria; iniuria autem non potest fieri nisi iniuste; ergo sapienti iniuria non potest fieri. Nec est quod mireris, si nemo illi potest iniuriam facere: ne prodesse quidem quisquam potest. Et sapienti nihil deest quod accipere possit loco muneris, et malus nihil potest dignum tribuere sapiente; habere enim prius debet quam dare, nihil autem habet quod ad se transferri sapiens gauisurus sit. 2. Non potest ergo quisquam aut nocere sapienti aut prodesse, quoniam diuina nec iuuari desiderant nec laedi possunt, sapiens autem uicinus proximusque dis consistit, excepta mortalitate similis deo. Ad illa nitens pergensque excelsa, ordinata, intrepida, aequali et concordi cursu fluentia, secura, benigna, bono publico nata, et sibi et aliis salutaria, nihil humile concupiscet, nihil flebit. 3. Qui rationi innixus per humanos casus diuino incedit animo, non habet ubi accipiat iniuriam -- ab homine me tantum dicere putas? ne a fortuna quidem, quae quotiens cum uirtute congressa est, numquam par recessit. Si maximum illud ultra quod nihil habent iratae leges ac saeuissimi domini <quod> minentur, in quo imperium suum fortuna consumit, aequo placidoque animo accipimus et scimus mortem malum non esse, ob hoc ne iniuriam quidem, multo facilius alia tolerabimus, damna et dolores, ignominias, locorum commutationes, orbitates, discidia, quae sapientem, etiam si uniuersa circumueniant, non mergunt, nedum ut ad singulorum impulsus maereat. Et si fortunae iniurias moderate fert, quanto magis hominum potentium, quos scit fortunae manus esse!

IX.

1. Omnia itaque sic patitur ut hiemis rigorem et intemperantiam caeli, ut ferores morbosque et cetera forte accidentia, nec de quoquam tam bene iudicat ut illum quicquam putet consilio fecisse, quod in uno sapiente est. Aliorum omnium non consilia, sed fraudes et insidiae et motus animorum inconditi sunt, quos casibus adnumerat; omne autem fortuitum circa nos saeuit et in uilia. 2. Illud quoque cogita, iniuriarum latissime patere materiam <in> illis per quae periculum nobis quaesitum est, ut accusatore summisso aut criminazione falsa aut inritatis in nos potentiorum odiis quaeque alia interrogatos latrocinia sunt. Est et illa iniuria frequens, si lucrum alicuius excussum est aut praemium diu captatum, si magno labore affectata hereditas auersa est et quaestuosae domus gratia erepta: haec effugit sapiens, qui nescit nec in spem nec in metum uiuere. 3. Adice nunc quod iniuriam nemo inmota mente accipit, sed ad sensum eius perturbatur, caret autem perturbatione uir ereptus erroribus, moderator sui, altae quietis et placidae. Nam si tangit illum iniuria, et mouet et inpellit; caret autem ira sapiens, quam excitat iniuriae species, nec aliter careret ira nisi et iniuria, quam scit sibi non posse fieri. Inde tam erectus laetusque est, inde continuo gaudio elatus; adeo autem ad offendiones rerum hominumque non contrahitur ut ipsa illi iniuria usui sit, per quam experimentum sui capit et uirtutem temptat. 4. Faueamus, obsecro uos, huic proposito aequisque et animis et auribus adsimus, dum sapiens iniuriae excipitur. Nec quicquam ideo petulantiae uestrae aut rapacissimis cupiditatibus aut caecae temeritati superbiaeque detrahitur: saluis uitiis uestris haec sapienti libertas quaeritur. Non ut uobis facere non liceat iniuriam agimus, sed ut ille omnes iniurias in altum demittat patientiaque se ac magnitudine animi defendat. 5. Sic in certaminibus sacris plerique uicerunt caendentium manus obstinata patientia fatigando: ex hoc puta genere sapientem, eorum qui exercitatione longa ac fideli robur perpetiendi lassandique omnem inimicam uim consecuti sunt.

X.

1. Quoniam priorem partem percucurrimus, ad alteram transeamus, qua quibusdam propriis, plerisque uero communibus, contumeliam refutabimus. Est minor iniuria, quam queri magis quam exequi possumus, quam leges quoque nulla dignam uindicta putauerunt. 2. Hunc adfectum mouet humilitas animi contrahentis se ob dictum factum inhonorificum: 'ille me hodie non admisit, cum alios admitteret', et 'sermonem meum aut superbe auersatus est aut palam risit', et 'non in medio me lecto sed in imo conlocauit', et alia huius notae, quae quid uocem nisi querellas nauisantis animi? In quae fere delicati et felices incident; non uacat enim haec notare cui peiora instant. 3. Nimio otio ingenia natura infirma et muliebria et inopia uerae iniuriae lasciuientia his commouentur, quorum pars maior constat uitio interpretantis. Itaque nec prudentiae quicquam in se esse nec fiduciae ostendit qui contumelia adficitur; non dubie enim contemptum se iudicat, et hic morsus non sine quadam humilitate animi euenit supprimenis se ac descendentis. Sapiens autem a nullo contemnitur, magnitudinem suam nouit nullique tantum de se licere renuntiat sibi et omnis has, quas non miserias animorum sed molestias dixerim, non uincit sed ne sentit quidem. 4. Alia sunt quae sapientem feriunt, etiam si non peruerunt, ut dolor corporis et debilitas aut amicorum liberorumque amissio et patriae bello flagrantis calamitas: haec non nego sentire sapientem; nec enim lapidis illi duritiam ferriue adserimus. Nulla uirtus est quae non sentias perpeti. Quid ergo est? quosdam ictus recipit, sed receptos euincit et sanat et comprimit, haec uero minora ne sentit quidem nec aduersus ea solita illa uirtute utitur dura tolerandi, sed aut non adnotat aut digna risu putat.

XI.

1. Praeterea cum magnam partem contumeliarum superbi insolentesque faciant et male felicitatem ferentes, habet quo istum adfectum inflatum respuat, pulcherrimam uirtutem omnium [animi], magnanimitatem: illa quidquid eiusmodi est transcurrit ut uanas species somniorum uisusque nocturnos nihil habentis solidi atque ueri. 2. Simul illud cogitat, omnes inferiores esse quam ut illis audacia sit tanto excelsiora despicere. Contumelia a contemptu dicta est, quia nemo nisi quem contempsit tali iniuria notat; nemo autem maiorem melioremque contemnit, etiam si facit aliquid quod contemnentes solent. Nam et pueri os parentium feriunt et crines matris turbauit lacerauitque infans et sputo adspersit aut nudauit in conspectu suorum tegenda et uerbis obscenioribus non pepercit, et nihil horum contumeliam dicimus. Quare? quia qui facit contemnere non potest. 3. Eadem causa est cur nos mancipiorum nostrorum urbanitas in dominos contumeliosa delectet, quorum audacia ita demum sibi in conuiuas ius facit, si coepit a domino; et ut quisque contemptissimus [et ut ludibrium] est, ita solutissimae linguae est. Pueros quidam in hoc mercantur procaces et illorum inpidentiam acuunt ac sub magistro habent, qui probra meditate effundant, nec has contumelias uocamus sed argutias: quanta autem dementia est isdem modo delectari, modo offendere, et rem ab amico dictam maledictum uocare, a seruulo ioculare conuicium!

XII.

1. Quem animum nos aduersus pueros habemus, hunc sapiens aduersus omnes quibus etiam post iuuentam canosque puerilitas est. An quicquam isti profecerunt quibus animi mala sunt auctique in maius errores, qui a pueris magnitudine tantum formaque corporum differunt, ceterum non minus uagi incertique, uoluptatium sine dilectu adpetentes, trepidi et non ingenio sed formidine quieti? 2. Non ideo quicquam inter illos puerosque interesse quis dixerit quod illis talorum nucumue et aeris minutu auaritia est, his auri argentique et orbium, quod illi inter ipsos magistratus gerunt et praetextam fascesque ac tribunal imitantur, hi eadem in campo foroque et in curia serio ludunt, illi in litoribus harenae congestu simulacra domuum excitant, hi ut magnum aliquid agentes in lapidibus ac parietibus et tectis moliendis occupati tutelae corporum inuenta in periculum uerterunt. Ergo par pueris longiusque progressis, sed in alia maioraque error est. 3. Non inmerito itaque horum contumelias sapiens ut iocos accipit, et aliquando illos tamquam pueros malo poenaque admonet [adfecit], non quia accepit iniuriam, sed quia fecerunt, et ut desinant facere; sic enim et pecora uerbere domantur, nec irascimur illis, cum sessorem recusauerunt, sed compescimus, ut dolor contumaciam uincat. Ergo et illud solutum scies quod nobis opponitur: 'quare, si non accepit iniuriam sapiens nec contumeliam, punit eos qui fecerunt?' Non enim se ulciscitur, sed illos emendat.

XIII.

1. Quid est autem quare hanc animi firmitatem non credas in uirum sapientem cadere, cum tibi in aliis idem notare sed non ex eadem causa liceat? Quis enim phrenetico medicus irascitur? Quis febricitantis et a frigida prohibiti maledicta in malam partem accipit? 2. Hunc adfectum aduersus omnis habet sapiens quem aduersus aegros suos medicus, quorum nec obscura, si remedio egent, contrectare nec reliquias et effusa intueri deditur nec per furem saeuientium excipere conuicia. Scit sapiens omnis hos qui togati purpurati que incedunt, ualentes colorati, male sanos esse, quos non aliter uidet quam aegros intemperantis. Itaque ne succenset quidem, si quid in morbo petulantius ausi sunt aduersus medentem, et quo animo honores eorum nihilo aestimat, eodem parum honorifice facta. 3. Quemadmodum non placebit sibi, si illum mendicus coluerit, nec contumeliam iudicabit, si illi homo plebis ultimae salutanti mutuam salutationem non reddiderit, sic ne suspiciet quidem, si illum multi diuites suspexerint -- scit enim illos nihil a mendicis differre, immo miseriores esse; illi enim exiguo, hi multo egent -- et rursus non tangetur, si illum rex Medorum Attalusue Asiae salutantem silentio ac uultu adroganti transierit. Scit statum eius non magis habere quicquam inuidendum quam eius cui in magna familia cura optigit aegros insanosque compescere. 4. Num moleste feram, si mihi non reddiderit nomen aliquis ex his qui ad Castoris negotiantur nequam mancipia ementes uendentesque, quorum tabernae pessimorum seruorum turba refertae sunt? Non, ut puto; quid enim is boni habet sub quo nemo nisi malus est? Ergo ut huius humanitatem inhumanitatemque neglegit, ita et regis: 'habes sub te Parthos et Medos et Bactrianos, sed quos metu contines, sed propter quos remittere arcum tibi non contigit, sed hostes taeterrimos, sed uenales, sed nouum aucupantes dominum.' 5. Nullius ergo mouebitur contumelia; omnes enim inter se differant, sapiens quidem pares illos ob aequalem stultitiam omnis putat. Nam si semel se demiserit eo ut aut iniuria moueatur aut contumelia, non poterit umquam esse securus; securitas autem proprium bonum sapientis est. Nec committet ut iudicando contumeliam sibi factam honorem habeat ei

qui fecit; necesse est enim, a quo quisque contemni moleste ferat, suspici
gaudeat.

XIV.

1. Tanta quosdam dementia tenet ut sibi contumeliam fieri putent posse a muliere. Quid refert quam *<beatam>* habeant, quot lecticarios habentem, quam oneratas aures, quam laxam sellam? aequa inprudens animal est et, nisi scientia accessit ac multa eruditio, ferum, cupiditatum incontinens. Quidam se a cinerario impulsos moleste ferunt et contumeliam uocant ostiari difficultatem, nomenculatoris superbiam, cubiculari supercilium: o quantus risus inter ista tollendus est, quanta uoluptate inplendus animus ex alienorum errorum tumultu contemplanti quietem suam! 2. 'Quid ergo? sapiens non accedet ad fores quas durus ianitor obsidet?' Ille uero, si res necessaria uocabit, experietur et illum, quisquis erit, tamquam canem acrem obiecto cibo leniet nec indignabitur aliquid inpendere ut limen transeat, cogitans et in pontibus quibusdam pro transitu dari. Itaque illi quoque, quisquis erit qui hoc salutationum publicum exerceat, donabit: scit emi aere uenalia. Ille pusilli animi est qui sibi placet quod ostiario libere respondit, quod uirgam eius fregit, quod ad dominum accessit et petit corium; facit se aduersarium qui contendit, et, ut uincat, par fuit. 3. 'At sapiens colapho percussus quid faciet?' Quod Cato, cum illi os percussum esset: non excanduit, non uindicauit iniuriam, ne remisit quidem, sed factam negauit; maiore animo non agnouit quam ignouisset. 4. Non diu in hoc haerebimus; quis enim nescit nihil ex his quae creduntur mala aut bona ita uideri sapienti ut omnibus? Non respicit quid homines turpe iudicent aut miserum, non it qua populus, sed ut sidera contrarium mundo iter intendunt, ita hic aduersus opinionem omnium uadit.

XV.

1. Desinite itaque dicere: 'non accipiet ergo sapiens iniuriam, si caedetur, si oculus illi eruetur? Non accipiet contumeliam, si obscenorum uocibus inprobis per forum agetur? si in conuiuio regis recumbere infra mensam uescique cum seruis ignominiosa officia sortitis iubebitur? si quid aliud ferre cogetur eorum quae excogitari pudori ingenuo molesta possunt?' 2. In quantumcumque ista uel numero uel magnitudine creuerint, eiusdem naturae erunt: si non tangent illum parua, ne maiora quidem; si non tangent pauca, ne plura quidem. Sed ex inbecillitate uestra coniecturam capitis ingentis animi, et cum cogitasti quan tum putetis uos pati posse, sapientis patientiae paulo ulteriorem terminum ponitis; at illum in aliis mundi finibus sua uirtus conlocauit, nihil uobiscum commune habentem. 3. Quaere et aspera et quaecumque toleratu grauia sunt audituque et uisu refugienda: non obruetur eorum coetu et qualis singulis, talis uniuersis obsistet. Qui dicit illud tolerabile sapienti, illud intolerabile, et animi magnitudinem intra certos fines tenet, male agit: uincit nos fortuna, nisi tota uincitur. 4. Ne putas istam Stoicam esse duritiam, Epicurus, quem uos patronum inertiae uestrae adsumitis putatisque mollia ac desidiosa praecipere et ad uoluptates ducentia, 'raro' inquit 'sapienti fortuna interuenit.' Quam paene emisit uiri uocem! Vis tu fortius loqui et illam ex toto summouere? 5. Domus haec sapientis angusta, sine cultu, sine strepitu, sine apparatu, nullis adseruatur ianitoribus turbam uenali fastidio digerentibus, sed per hoc limen uacuum et ab ostiariis liberum fortuna non transit: scit non esse illic sibi locum ubi nihil est.

XVI.

1. Quodsi Epicurus quoque, qui corpori plurimum indulxit, aduersus iniurias exsurgit, quid apud nos incredibile uideri potest aut supra humanae naturae mensuram? Ille ait iniurias tolerabiles esse sapienti, nos iniurias non esse. 2. Nec enim est quod dicas hoc naturae repugnare: non negamus rem incommodam esse uerberari et in pelli et aliquo membro carere, sed omnia ista negamus iniurias esse; non sensum illis doloris detrahimus, sed nomen iniuria, quod non potest recipi uirtute salua. Vter uerius dicat uidebimus: ad contemptum quidem iniuria uterque consentit. Quaeris quid inter duos intersit? quod inter gladiatores fortissimos, quorum alter premit uulnus et stat in gradu, alter respiciens ad clamantem populum significat nihil esse et intercedi non patitur. 3. Non est quod putas magnum quo dissidemus: illud quo de agitur, quod unum ad uos pertinet, utraque exempla hortantur, contemnere iniurias et, quas iniuriarum umbras ac suspiciones dixerim, contumelias, ad quas despiciendas non sapiente opus est uiro, sed tantum consipiente, qui sibi possit dicere: 'utrum merito mihi ista accident an in merito? Si merito, non est contumelia, iudicium est; si in merito, illi qui iniusta facit erubescendum est.' 4. Et quid est illud quod contumelia dicitur? In capitis mei leuitatem iocatus est et in oculorum ualetudinem et in crurum gratilitatem et in staturam: quae contumelia est quod appareat audire? Coram uno aliud dictum ridemus, coram pluribus indignamur, et eorum aliis libertatem non relinquimus quae ipsi in nos dicere adsueuimus; iocis temperatis delectamur, inmodicis irascimur.

XVII.

1. Chrysippus ait quendam indignatum, quod illum aliquis ueruecem marinum dixerat. In senatu flentem uidimus Fidum Cornelium, Nasonis Ouidi generum, cum illum Corbulo struthocamelum depilatum dixisset; aduersus alia maledicta mores et uitam conuulnerantia frontis illi firmitas constitit, aduersus hoc tam absurdum lacrimae prociderunt: tanta animorum inbecillitas est, ubi ratio discessit. 2. Quid quod offendimur, si quis sermonem nostrum imitatur, si quis incessum, si quis uitium aliquod corporis aut linguae exprimit? quasi notiora illa fiant alio imitante quam nobis facientibus! Senectutem quidam inuiti audiunt et canos et alia ad quae uoto peruenitur; paupertatis maledictum quosdam perussit, quam sibi obiecit quisquis abscondit: itaque materia petulantibus et per contumeliam urbanis detrahitur, si ultiro illam et prior occupes; nemo risum praebuit qui ex se cepit. 3. Vatinium, hominem natum et ad risum et ad odium, scurram fuisse et uenustum ac dicacem memoriae proditum est. In pedes suos ipse plurima dicebat et in fauces concisas: sic inimicorum, quos plures habebat quam morbos, et in primis Ciceronis urbanitatem effugerat. Si hoc potuit ille duritia oris qui adsiduis conuiciis pudere dedidicerat, cur is non possit qui studiis liberalibus et sapientiae cultu ad aliquem profectum peruerterit? 4. Adice quod genus ultionis est eripereei qui fecit factae contumeliae uoluptatem; solent dicere 'o miserum me! puto, non intellexit': adeo fructus contumeliae in sensu et indignatione patientis est. Deinde non deerit illi aliquando par; inuenietur qui te quoque uindicet.

XVIII.

1. C. Caesar, inter cetera uitia quibus abundabat contumeliosus, mira libidine ferebatur omnis aliqua nota feriendi, ipse materia risus benignissima: tanta illi palloris insaniam testantis foeditas erat, tanta oculorum sub fronte anili latentium toruitas, tanta capitis destituti et ~emendacitatis~ capillis adspersi deformitas; adice obsessam saetis ceruicem et exilitatem crurum et enormitatem pedum. Immensum est, si uelim singula referre per quae in parentes auosque suos contumeliosus fuit, per quae in uniuersos ordines: ea referam quae illum exitio dederunt. 2. Asiaticum Valerium in primis amicis habebat, ferocem uirum et uix aequo animo alienas contumelias laturum: huic in conuiuio, id est in contione, uoce clarissima qualis in concubitu esset uxor eius obiecit. Di boni, hoc uirum audire, principem scire, et usque eo licentiam peruenisse ut, non dico consulari, non dico amico, sed tantum marito princeps et adulterium suum narret et fastidium! 3. Chaereae contra, tribuno militum, sermo non pro manu erat, languidus sono et, ni facta nosses, suspectior. Huic Gaius signum petenti modo Veneris, modo Priapi dabat, aliter atque aliter exprobrans armato mollitiam; haec ipse perlucidus, crepidatus, auratus. Coegit itaque illum uti ferro, ne saepius signum peteret: ille primus inter coniuratos manum sustulit, ille ceruicem medium uno ictu decidit; plurimum deinde undique publicas ac priuatas iniurias ulciscentium gladiorum ingestum est, sed primus uir fuit qui minime uisus est. 4. At idem Gaius omnia contumelias putabat, ut sunt ferendarum inpatientes faciendarum cupidissimi: iratus fuit Herennio Macro, quod illum Gaium salutauerat, nec inpune cessit primipilari quod Caligulam dixerat; hoc enim in castris natus et alumnus legionum uocari solebat, nullo nomine militibus familiarior umquam factus, sed iam Caligulam conuicium et probrum iudicabat coturnatus. 5. Ergo hoc ipsum solacio erit, etiam si nostra facilitas ultionem omiserit, futurum aliquem qui poenas exigat a procace et superbo et iniurioso, quae uitia numquam in uno homine et in una contumelia consumuntur. 6. Respiciamus eorum exempla quorum laudamus patientiam, ut Socratis, qui comoediarum publicatos in se et spectatos sales in partem bonam accepit risitque non minus

quam cum ab uxore Xanthippe inmunda aqua perfunderetur. Antistheni mater barbara et Thraessa obiciebatur: respondit et deorum matrem Idaeam esse.

XIX.

1. Non est in rixam conluctationemque ueniendum. Procul auferendi pedes sunt et quidquid horum ab imprudentibus fiet (fieri autem nisi ab imprudentibus non potest) neglegendum et honores iniuriaeque uulgi in promiscuo habendae. 2. Nec his dolendum nec illis gaudendum; alioqui multa timore contumeliarum aut taedio necessaria omittemus publicisque et priuatis officiis, aliquando etiam salutaribus, non occurremus, dum muliebris nos cura angit aliquid contra animum audiendi. Aliquando etiam obirati potentibus detegemus hunc adfectum intemperanti libertate. Non est autem libertas nihil pati, fallimur: libertas est animum superponere iniuriis et eum facere se ex quo solo sibi gaudenda ueniant, exteriora diducere a se, ne inquieta agenda sit uita omnium risus, omnium linguas timenti. Quis enim est qui non possit contumeliam facere, si quisquam potest? 3. Diuerso autem remedio utetur sapiens adfectatorque sapientiae. Imperfectis enim et adhuc ad publicum se iudicium derigentibus hoc proponendum est, inter iniurias ipsos contumeliasque debere uersari: omnia leuiora accident expectantibus. Quo quisque honestior genere fama patrimonio est, hoc se fortius gerat, memor in prima acie altos ordines stare. Contumelias et uerba probrosa et ignominias et cetera dehonestamenta uelut clamorem hostium ferat et longinqua tela et saxa sine uulnere circa galeas crepitantia; iniurias uero ut uulnera, alia armis, alia pectori infixae, non deiectus, ne motus quidem gradu sustineat. Etiam si premeris et infesta ui urgeris, cedere tamen turpe est: adsignatum a natura locum tuere. Quaeris quis hic sit locus? uiri. 4. Sapienti aliud auxilium est huic contrarium; uos enim rem geritis, illi parta uictoria est. Ne repugnate uestro bono et hanc spem, dum ad uerum peruenitis, alite in animis libentesque meliora excipite et opinione ac uoto iuuate: esse aliquid inuictum, esse aliquem in quem nihil fortuna possit, e re publica est generis humani [est].

Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

OBRAS FILOSÓFICAS

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [A Arte de ter Razão](#) por Arthur Schopenhauer
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por St. George Stock
- [Ciropédia](#) por Xenofonte
- [Utopia](#) por Thomas More
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por Diógenes Laércio
- [Andar a Pé](#) por Henry David Thoreau
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por Epicuro
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por Epicuro
- [O Dever do Advogado](#) por Ruy Barbosa
- [Os Sermões](#) por Padre António Vieira



I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse. Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de

alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa
gratior et pulchro veniens e corpore virtus.*¹

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto,

muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado

imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; consequentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará: "É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandá todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele

deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vêm em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam

imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apegua a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma

unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à

solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz: "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassinar o rei. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessou que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

Sumário

INTRODUÇÃO

Sobre o autor

Sobre a tradução

Sobre Constância do Sábio

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

X.

XI.

XII.

XIII.

XIV.

XV.

XVI.

XVII.

XVIII.

XIX.

Original em Latim

I.

II.

III.

IV.

V.

VI.

VII.

VIII.

IX.

[X.](#)
[XI.](#)
[XII.](#)
[XIII.](#)
[XIV.](#)
[XV.](#)
[XVI.](#)
[XVII.](#)
[XVIII.](#)
[XIX.](#)

[Bônus](#)

[Carta I. Sobre aproveitar o tempo](#)

[Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)